

②
133-B
5600P.
F.V.

PLAUTO

ANFITRIÃO

Comile Jé
FFLCH 2007

Título original: *Anfitrião*

© Tradução, introdução e notas:
Carlos Alberto Louro Fonseca e Edições 70, 1993

Revisão tipográfica: Serviços Editoriais de Edições 70

Capa do Departamento Gráfico de Edições 70

Depósito legal n.º 99771/96

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa
por Edições 70, Lda.

EDIÇÕES 70, Lda.
Rua Luciano Cordeiro, 123 - 2.º Esq. - 1050 Lisboa
Telefs. (01) 3158752 - 3158753
Fax: (01) 3158429

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial

Introdução, tradução do latim e notas
de
Carlos Alberto Louro Fonseca

Professor Convidado da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

edições 70

ANFITRIÃO

PERSONAGENS DA PEÇA

MERCÚRIO, deus, filho de Júpiter
SÓSIA, escravo de Anfítrião
JÚPITER, deus
ALCMENA, esposa de Anfítrião
ANFÍTRIÃO, general, casado com Alcmena
BLEFARÃO, timoneiro
BRÓMIA, velha escrava de Anfítrião

ARGUMENTO I

Júpiter, sob a aparência de Anfítrião, que andava em guerra contra os Teléboas, tirou-lhe a esposa, Alcmena, e dela desfrutou. Mercúrio assume o aspecto do escravo Sósia, também ausente; Alcmena cai na esparrela.

Ao regressarem a casa, o verdadeiro Anfítrião e o verdadeiro Sósia são, um e outro, objecto de uma troça extraordinária. Daqui nascem as discussões e a confusão entre marido e mulher, até que Júpiter, fazendo ouvir do alto do céu a sua voz no meio de um trovão, confessa o seu adultério.

ARGUMENTO II ⁽¹⁾

Júpiter, tomado de amores por Alcmena, transfigurou-se no marido dela, Anfítrião, que andava na guerra em defesa da pátria. Mercúrio secunda Júpiter, sob a aparência do escravo Sósia. Quando patrão e criado regressam a casa, são enganados. Anfítrião arma chinfrim com a mulher; e os dois maridos acusam-se mutuamente de adultério. Blefarão, escolhido como juiz da contenda, não é capaz de deslindar qual dos dois é o verdadeiro Anfítrião. Por fim, tudo se esclarece, e Alcmena dá à luz dois gémeos.

⁽¹⁾ No original latino, em acróstico.

PRÓLOGO

A cena representa a fachada da casa de Anfítrio na cidade de Tebas, da Beócia. À esquerda, o caminho que conduz ao porto; à direita, o que dá para o foro.

MERCÚRIO

Quando se trata de comprar ou de vender mercadorias, querem vocês que eu lhes seja propício e lhes dê ganhos e os ajude em todos os negócios e, a contento, lhes resolva as traficâncias e as contas, tanto cá na terra como fora dela; querem que floresçam, sem parar, com chorudo e abundante lucro, as transacções que empreenderam ou vão empreender; querem que lhes dê, a vocês e a todos os vossos, notícias de estalo, e que traga e que anuncie o que haja de melhor para o vosso caso. É que vocês, certamente, já sabem que os outros deuses me impingiram o encargo de estar à testa das notícias e dos lucros (¹). Pois, assim como vocês querem que eu aprove tudo isto e me empenhe para que o dinheiro lhes venha sempre às mãos, estejam caladinhos, em troca, durante o espectáculo, e assim serão todos aqui juízes imparciais e honestos.

Agora, vou dizer-lhes quem me mandou e ao que vim, e, ao mesmo tempo, revelar o meu nome.

5

10

15

Estou aqui por ordem de Júpiter; o meu nome é Mercúrio.
20 Foi meu pai quem me enviou a este lugar, para lhes fazer um pedido, apesar de saber que uma palavra sua é uma ordem para vocês, pois não ignora que o respeitam e o temem. E é justo: trata-se de Júpiter... Mas, pelo sim ou pelo não, ordenou-me que lhes fizesse a deprecada com jeito, com brandura, em suma, com boas palavras. É que o Júpiter, que me mandou cá, ter convosco, também tem medo, não menos que qualquer um de vocês: filho de mãe mortal e de pai de raça humana⁽²⁾ não é para admirar que ele as corte! E eu cá, que sou filho de Júpiter, por contágio de meu pai, também não sou dos mais afoitos, não...! Por isso venho em paz e paz vos trago. Quero pedir-vos uma coisa simples e justa⁽³⁾. Na verdade, sou um delegado justo, justamente enviado por gente justa; pois fica mal reclamar injustiças de quem é justo, mas é estupidez pedir justiça aos injustos: é que os ditos tratantes ignoram e não observam a justiça.

Ora, voltem já para cá todos a atenção, para isto que vou dizer. Que a nossa vontade seja a vossa: temo-nos portado bem, 40 eu e meu pai, para convosco e para com o Estado. Eu cá tenho visto, nas tragédias, os outros deuses — Neptuno, a Virtude, a Vitória, Marte, Belona — a relatarem o bem que a vocês têm feito; mas eu para que hei-de recordar que, de todos esses benefícios, o obreiro é meu pai, que é soberano dos deuses? Mas ele nunca teve o mau hábito de lançar à cara de pessoas de bem o bem que lhes tenha feito: parece-lhe natural que lhe estejam gratos e, merecidamente, a vocês faz o bem que faz.

Ora o pedido que aqui me traz, é o que primeiro vou declarar; depois, exporei o argumento desta tragédia. Mas porque é que franziram a testa? Por ter falado de tragédia?... Sou um deus: posso dar-lhe uma reviravolta. Se quiserem, transformo-a de tragédia em comédia, sem mudar um único verso. Então querem ou 55 não querem?... Mas que grande parvo! Como se eu não conhecesse muito bem os vossos desejos, eu que sou um deus! Sei bem o vosso pensar a este respeito! Vou mas é fazer com que seja uma comédia com uma pitada de trágico, pois não creio que seja justo fazer uma comédia de fio a pavio, quando nela intervêm reis e deuses. Pois quê?! Já que há nela, também, um papel de escravo, vou fazer tal e qual como disse: uma tragicomédia.

Mas vamos lá ao pedido. Júpiter ordenou-me que lhes solicitasse o seguinte: que os inspectores vão de lugar em lugar, por 60 toda a assistência. Se apanharem algum espectador a fazer claque

por alguém, tirem-lhe, aí mesmo, a roupa: fica a servir de fiança. Se alguém fizer propaganda a favor deste ou daquele comedianta ou actor — com cartaz ou em pessoa ou por um intermediário — ou se até os edis derem o prémio por compadrio a alguns deles, Júpiter ordena que o castigo seja o mesmo que para as trafulhices eleitorais em proveito próprio ou alheio. Disse ele que vocês têm alcançado vitórias com o vosso valor, não com manigâncias e traições; e porque não há-de ser a mesma, a lei para o comedianta e para o mandachuva?! Candidatura com honestidade, sim; com cabalas, não! Tem sempre um ror de partidários o que procede com lisura, contanto que sejam conscientes aqueles de que dependem os juízos. Mas Júpiter encarregou-me de mais o seguinte: que haja inspectores também para os comediantes. Aos que tenham encarregado a claque de os aplaudir ou feito com que um colega agrade menos, façam-lhes às tiras a roupa — e o coirão. Não se admirem de Júpiter se ocupar agora dos actores. É natural que assim seja: Júpiter, em pessoa, vai representar nesta comédia. Mas que admiração é a vossa?! Como se fosse hoje um espectáculo realmente novo, Júpiter a fazer de actor! Então, o ano passado, quando aqui, em cena, os actores invocaram Júpiter, ele não apareceu e não os ajudou?⁽⁴⁾ Demais, é certo que ele aparece nas tragédias. Esta peça, repito, será Júpiter, em pessoa, a representá-la hoje aqui, e eu com ele.

Ora atenção, enquanto exponho o argumento da comédia.

Esta cidade é Tebas; naquela casa, ali, mora Anfítrião, que nasceu em Argos de pai argivo; é casado com Alcmena, filha de Electro. Neste momento, Anfítrião está à frente do exército, porque os Tebanos andam em guerra com os Teléboas. Antes de se ir daqui para a tropa, o tipo engravidou a mulher, Alcmena. Ora, creio que vocês sabem como é meu pai, como ele, em casos destes, não se pinta nada para fazer a sua perninha e, quando a coisa lhe agrada, como logo fica todo embeiciado. Júpiter começou de amores com Alcmena, às escondidas do marido, meteu-se com ela, e com proveito, e, tantas lhe deu que... ei-la também grávida dele! Ora, para que estejam perfeitamente senhores da situação, sempre vos digo que Alcmena está grávida de ambos, do marido e do deus supremo, Júpiter. E meu pai está, neste momento, aqui dentro, na cama com ela e, por esse motivo, foi esta noite prolongada: é o que acontece, sempre que ele está no gozo com qualquer fulana do seu agrado. Mas ele disfarçou-se por forma a parecer Anfítrião.

Ora, quanto ao meu vestuário, não se espantem por eu ter vindo assim para aqui em trajo de escravo. É uma história velha e relha que eu lhes vou apresentar, mas remoçada; foi por isso que eu me apresentei com este vestuário desusado. Aqui dentro, nesta ocasião, está precisamente meu pai Júpiter. Transformou-se na figura de Anfítrião, e todos os criados, ao vê-lo, pensam que ele é o patrão: tal é a sua habilidade para mudar de pele, quando lhe dá na real gana! No meu caso, tomei a aparência do escravo Sósia, que foi daqui com Anfítrião para a tropa: assim posso ser pres-tável aos amores de meu pai, sem que a criadagem, ao ver-me, aqui em casa, a cirandar de um lado para o outro, me pergunte quem sou. Ora, como julgam que eu sou escravo e colega seu, ninguém me pergunta quem sou ou ao que vim.

Nesta altura, o meu pai está aqui dentro a satisfazer os seus desejos. Está na cama, todo agarradinho ao objecto da sua violenta paixão. São as suas façanhas em combate que o meu querido pai está a relatar a Alcmena! Esta toma-o pelo marido, mas com um amante é que ela está. Precisamente neste momento, meu pai está a contar como pôs em fuga as legiões inimigas e de que modo recebeu, por prémio, uma data de despojos. Esses despojos, que foram lá oferecidos a Anfítrião, nós é que os trouxemos para cá: meu pai faz tudo o que quer, sem problemas. Mas hoje Anfítrião vai regressar da guerra, e também o criado, aquele de quem eu tomei a aparência. Ora, para que possam distinguir-nos mais facilmente, eu trarei sempre estas duas asinhas no chapéu; sob o do meu pai haverá um cordão de ouro, distintivo que faltará no de Anfítrião. Essas insígnias, ninguém daqui de casa as poderá ver; mas vocês, sim.

Mas ali está Sósia, o escravo de Anfítrião: vem a chegar do porto com uma lanterna. Mal ele se aproxime, enxoto-o de casa.

Espectadores, muita atenção: vai valer a pena observar Júpiter e Mercúrio a fazerem comédia.

ACTO I

CENA I

SÓSIA MERCÚRIO

SÓSIA (*surgindo da esquerda, com uma lanterna na mão*)

Haverá alguém mais atrevido ou mais estouvado do que eu? Conhecendo os lindos hábitos de certos jovens, ando para aqui, na rua, sozinho a estas horas da noite! Que hei-de eu fazer, se agora a guarda nocturna ⁽⁵⁾ esperar comigo na choça? Amanhã tiram-me de lá, como de um celeiro, para a malha... ⁽⁶⁾ A mim, não me deixarão que me explique; de meu amo não terei qualquer auxílio; e não haverá uma só pessoa que não afirme: «É muito bem feito!» — enquanto oito tipos, dos valentes, martelam nos meus pobres costados como numa bigorna... É esta, ao chegar de tão longe, a recepção ⁽⁷⁾ que o Estado me reserva! Mas são os destemperos do meu patrão que me obrigam a isto: mandar-me dar um recado, a estas horas da noite, bem contra minha vontade!... Não podia mandar-me cá de dia?! É por estas e por outras que é duro ser escravo de um homem importante, e o criado de um rico é ainda mais desgraçado: noite e dia, sem parar, há

155

160

165

170 sempre um ror de coisas a fazer e a dizer, que não o deixam estar de quedo. O patrão, como é rico e não sabe o que é trabalho ou fadiga, julga que se pode fazer tudo o que lhe vem ao miolo; pensa que é justo, sem ter em conta o trabalho que a coisa dá e sem se incomodar se as suas ordens são justas ou injustas. É por isso que tantas injustiças recaem sobre quem é escravo. Mas este fardo é preciso agarrá-lo e aguentá-lo com todas as suas penas.

175

MERCÚRIO (*à parte*)

Mas sou eu quem assim se deve lamentar da escravidão: ainda hoje era livre e agora meu pai sujeitou-me a ser escravo. E é aqui este tipo, escravo de nascença, quem se queixa!

SÓSIA (*sem ver Mercúrio*)

180 Mas eu cá sou mesmo um estupor de um escravo! Lembrei-me eu ao menos, assim que cheguei, de dar graças e fazer uma prece aos deuses pela protecção que me foi concedida?! Bolas! Se eles se dessem ao cuidado de castigar a minha conduta, encarcerariam algum fulaninho de me esmurrar as ventas a preceito, logo à chegada, por ingratidão e indiferença pelo bem que me fizeram.

MERCÚRIO (*à parte*)

185 Aquele, ali, faz o que não é corrente: reconhece o que merece.

SÓSIA (*sem ver Mercúrio*)

O que eu nunca esperei que me acontecesse, nem eu nem nenhum dos nossos, foi o que nos saiu na rifa: regressarmos a casa sãos e salvos. Os inimigos foram vencidos, as nossas legiões tornam à pátria vitoriosas, pôs-se cobro a uma terrível guerra e os adversários foram exterminados. Aquela cidade, que ao povo

190

tebano tantas mortes pungentes causou, venceu-a e conquistou-a o vigor e o valor dos nossos soldados, principalmente graças ao meu amo Anfítrião, seu comandante-chefe; aos seus encheu ele de despojos, de terras e de glória, e a Creonte, rei de Tebas, consolidou o reino. Mandou-me ele à frente, do porto a casa, para anunciar à mulher tudo isto: como ele serviu a pátria, com a sua direcção, o seu comando, e a sua autoridade. Ora deixem-me cá mas é pensar de que modo lhe vou contar tudo isso, assim que chegar ao pé dela. De resto, se pregar uma peta, nisso já eu sou useiro e vezeiro! É que quanto mais eles lutavam, mais eu me punha a cavar! Vou mas é fingir que assisti a tudo e dizer o que ouvi contar. Mas, primeiro, quero cá ensaiar com o meco as maneiras e as palavras que convêm ao meu papel. Vou começar assim: apenas lá chegámos e mal pusemos o pé em terra, logo Anfítrião escolheu a fina-flor dos chefes. Manda-os de embaixada, com a missão de transmitirem aos Teléboas as suas disposições: se quisessem entregar, sem violência e sem guerra, o produto dos roubos e os roubadores, em suma, restituir tudo o que tinham levado, ele reconduziria imediatamente o exército à pátria, os Argivos abandonariam os campos, e deixá-los-ia em paz e sossego; mas se as suas intenções fossem outras e não acedessem às condições propostas, ele atacar-lhes-ia a cidade com um grande poder de homens. Mas assim que os chefes designados por Anfítrião repetiram isto aos Teléboas, tintim por tintim, estes valentões, fiados no próprio valor e vigor, desatam a insultar os nossos enviados com uma soberba e uma fúria até mais não, respondendo que a guerra era o único meio possível de se protegerem, a si e aos seus; por isso que os nossos se pusessem imediatamente a mexer das suas terras com o exército. Mal os enviados trouxeram a resposta, logo Anfítrião faz avançar a tropa toda para fora do acampamento; pelo seu lado, os Teléboas fazem sair da cidade as suas legiões estupendamente armadas. Depois de se ter saído a terreiro de ambos os lados, com todas as forças, os homens dispõem-se em linha, dispõem-se as fileiras: nós formámos as nossas legiões segundo os nossos usos e a nossa tática; os inimigos, pelo seu lado, à sua maneira. Seguidamente, os comandantes de ambas as partes encontram-se ao meio e vai de discutir fora da chusma das hostes. Chegam ao seguinte acordo: a parte vencida naquela batalha entregar-se-ia, a si, à cidade, ao território, aos templos e às casas. Feito isto, trompejam as trompas de ambos os lados; retumba a terra; de um lado e de outro ergue-

195

200

205

210

215

220

225

230 -se a grita. Ambos os comandantes fazem, de um lado e de outro, promessas a Júpiter, ambos exhortam os seus soldados. Então, cada um, por seu turno, dá mostras do que pode e do que vale; fere o ferro; despedaçam-se as lanças; ressoa o céu com o fragor da peleja; do bafo arquejante dos soldados uma névoa se forma; 235 cai-se sob a violência dos golpes e dos embates. Por fim, como era desejo nosso, os nossos homens alcançam vantagem; os inimigos caem como moscas; os nossos, por seu lado, aumentam a pressão. O valor vence a arrogância. Contudo, ninguém dá às de viladiogo ou abandona o posto: é de pé firme que cumprem o seu dever; preferem morrer a ceder terreno: cada um cai no seu posto, sem pertubar a ordem. Ao ver isto, o meu amo, Anfítrião, dá logo ordem para avançar a cavalaria pelo flanco direito. Os cavaleiros 240 surgem num ápice, carregam da direita com enorme alarido, fúria e entusiasmo; desbaratam e esmagam, com justiça, a injustiça das tropas inimigas.

MERCÚRIO (*à parte*)

Até aqui ainda não espetou nenhuma galga: eu estive lá em pessoa, enquanto se combatia; e meu pai também.

SÓSIA

250 Os inimigos batem em retirada; aumenta, então, o ânimo dos nossos. As costas dos Teléboas ouricam-se de dardos, e é Anfítrião em pessoa quem liquida o rei Ptérelas, por suas próprias mãos. Esta foi a luta que lá se travou de manhã até à noitinha: lembro-me de tudo muitíssimo bem, pois fiquei nesse dia com a barriga a dar horas! Mas por fim, a noite sobreveio e pôs fim à luta. No dia seguinte, os maiorais da cidade vêm às nossas tendas, de lágrimas nos olhos e as insígnias dos suplicantes⁽⁸⁾ nas mãos, a rogar que lhes perdoemos o seu erro. Submetem-se ao poder e vontade do povo tebano, não apenas eles, como todas as instituições divinas e humanas, a cidade, os filhos, tudo. 255 Depois, como prémio do seu valor, deram a meu amo, Anfítrião, a taça de ouro pela qual o rei Ptérelas costumava engrasar-se. É isto o que vou contar à senhora. Mas agora deixa-me mas é ir para casa e cumprir as ordens do patrão.

MERCÚRIO (*à parte*)

Olá! O melro encaminha-se para aqui; eu já lhe barro o passo, não há-de ser hoje que eu o deixarei aproximar-se de cá, de casa. A sua aparência sou eu quem na tem, por isso vou gozá-lo, de certeza. E se tomei a sua figura e atitudes, convém-me imitá-lo, também, nos modos e no carácter. Por isso, tenho de ser velhaco, atrevido, manhoso da primeira apanha, e expulsá-lo da porta para fora com as suas próprias armas, a velhacaria. Mas que se passa ali com ele? Está a contemplar o céu. Observemos o que ele vai fazer.

265

270

SÓSIA (*olhando para o céu*)

Caramba! Se há alguma coisa em que acredeite e de que tenha a certeza é esta: Nocturno adormeceu esta noite com a pinga, pois nem a Ursa se move no céu, nem a Lua se muda do lugar onde nasceu, nem Orión nem Vénus nem as Plêiades desaparecem no horizonte. Deste modo, as constelações não arredam pé e a noite não dá lugar ao dia.

275

MERCÚRIO (*à parte*)

Continua como começaste, ó Noite, faz o jeito a meu pai. Ao melhor⁽⁹⁾ dos deuses é melhor que emprestes o melhor do teu auxílio, pois que o empréstimo te há-de prestar.

280

SÓSIA

Nem eu me lembro de ter visto uma noite mais longa do que esta, a não ser uma única, aquela em que fiquei eternamente dependurado a levar com o açoite. Mas, palavra, que até mesmo essa foi muito menos longa do que esta. É isso: certamente o Sol está ainda a dormir, e bem bebido... Para admirar é que ele se não tivesse tratado menos-mal ao jantar!

MERCÚRIO (*à parte*)

Ah, sim, meu sacana? Julgas que os deuses são como tu? Espera lá que eu já te recebo como merecem as tuas blasfémias e

285

os teus desafetos, meu velhaco: é só chegares aqui, que terás a paga de que andas à procura!

SÓSIA

Mas onde estão esses putanheiros que não gostam de ir para a cama sem conchego? Aqui está uma noite decretada para derrear uma puta das bem pagas!

MERCÚRIO (*à parte*)

Pelas palavras deste gajo, meu pai tem toda a razão para estar na cama, abraçado a Alcmena, todo ele apaixonado e a satisfazer a sua paixão.

SÓSIA

Vou mas é dar parte a Alcmena das ordens do meu patrão. Mas... quem será este tipo, que eu vejo diante de casa a estas horas da noite? Isto cheira-me a esturro!

MERCÚRIO (*à parte*)

Não há outro medricas como este!

SÓSIA (*à parte*)

Já estou a perceber: o tipo quer mas é assentar-me de novo as costuras.

MERCÚRIO (*à parte*)

O fulano está a cortá-las: isto é que vai ser um gozo!

SÓSIA (*à parte*)

Estou bem arranjado: até já me mordem as costas. Por certo, este aqui, quando eu chegar, vai hospedar-me na pensão do... «Punho & Soco»! Sim: ele tem mesmo um ar acolhedor! Como o meu patrão me obrigou a velar, este aqui pôr-me-á hoje a dormir ao som de uma... «socata»! Pronto! Estou perdido! Céus, como ele é alto e forte!

MERCÚRIO (*à parte*)

Toca a falar alto, na sua direcção: assim ouvirá o que disser e, portanto, mais medo ele ainda vai ter. (*Levantando a voz*) À obra, punhos meus: já há muito que vocês não dão de comer cá à barriga. Já me parece um século desde que ontem vocês puseram a dormir quatro valentões em pélo.

SÓSIA (*à parte*)

Estou cá com um medo terrível de que seja hoje o dia em que tenha de mudar de nome, e de Sósia passar a Quinto! ⁽¹⁰⁾ Este aqui afirma ter posto a dormir quatro tipos: receio bem ir aumentar esse número!

MERCÚRIO (*pondendo-se em guarda*)

Ora aí está! É assim mesmo que eu agora quero.

SÓSIA (*à parte*)

Está a arregaçar a túnica: não há dúvida, está a preparar-se.

MERCÚRIO (*à parte*)

Não escapa a uma surra.

300

305

SÓSIA (*à parte*)

Mas quem?

MERCÚRIO (*à parte*)

Quem vier para aqui, apanha uma barrigada de socos.

SÓSIA (*à parte*)

310 Chiça! Não me apetece nada comer a estas horas da noite: ainda há pouco jantei; por isso, faz-me lá o favor de repartir essa comida por quem tiver fome dela.

MERCÚRIO (*à parte*)

Não é nada pequeno o peso deste punho.

SÓSIA (*à parte*)

Estou bem tramado! Já está a tomar peso aos punhos.

MERCÚRIO (*à parte*)

E se eu pusesse a dormir o nosso homem com umas festinhas na fronha?!

SÓSIA (*à parte*)

Seria a minha salvação: há já três noites seguidas que não durmo.

MERCÚRIO (*à parte*)

315 Mau negócio! O meu bater é defeituoso: lá quebrar queixos é coisa que a minha mão ainda não sabe fazer devidamente. Terá de ficar irreconhecível a cara que levar com este meu punho.

SÓSIA (*à parte*)

Querem lá ver que o tipo está disposto a desfazer-me e a modelar-me de novo as ventas!

MERCÚRIO (*à parte*)

Quem apanhar uma valente sova das tuas, terá de ficar com a tromba desossada.

SÓSIA (*à parte*)

Seguramente, este aqui pensa desossar-me como uma moreia. Arreda com tal desossador de homens! Se ele me vê, 320 estou lixado!

MERCÚRIO (*à parte*)

Cheira-me a homem: pior para ele!

SÓSIA (*à parte*)

Ai de mim! Teria eu largado algum... cheiro?

MERCÚRIO (*à parte*)

E o tipo não deve andar longe; mas de longe é que ele veio.

SÓSIA (*à parte*)

É adivinho, ali o fulano!

MERCÚRIO (*à parte*)

Mas que comichão esta nos punhos!

SÓSIA (*à parte*)

Se é em mim que tu pensas coçá-los, por favor, acalma-os
primeiro contra a parede.

MERCÚRIO (*à parte*)

325 Voou-me até aos ouvidos o som de uma voz!

SÓSIA (*à parte*)

Olhem que pouca sorte a minha em não lhe ter espontado as
asas: agora tenho uma voz voadora!

MERCÚRIO (*à parte*)

Ali o tipo vem de besta arranjar lenha para se queimar.

SÓSIA (*à parte*)

Qual besta qual carapuça! Não tenho besta nenhuma!

MERCÚRIO (*à parte*)

Temos de lhe pôr em cima uma boa carga de... soco.

SÓSIA (*à parte*)

330 Ainda estou derreado da travessia de barco: o enjoo ainda
não passou. Mal me tenho de pé sem nada em cima, e tu a pensas-
res que eu posso com uma carga...

MERCÚRIO (*à parte*)

Não há dúvida; está aqui não sei quem a falar.

SÓSIA (*à parte*)

Estou safo; o tipo não me está a ver. Diz que é o «Não-sei-
-quem» ⁽¹¹⁾ que está a falar; e o meu nome é, de certeza, Sósia.

MERCÚRIO (*à parte*)

Daqui, do lado direito, uma voz, ao que parece, está a fustigar-me os ouvidos.

SÓSIA (*à parte*)

Eu é que receio bem ser hoje aqui zurzido, mas não será com
a voz que fustiga aqui este melro.

MERCÚRIO (*à parte*)

Porreiro! Ei-lo que se aproxima.

335

SÓSIA (*à parte*)

Ai que medo! Estou todo gelado. Palavra, que se alguém me
perguntasse, nem sabia dizer em que parte da Terra me encontro
agora. Pobre de mim! nem me posso mexer com o susto. Acabou-se: Sósia finou-se e com ele o recado do patrão! Mas deixem-me cá falar-lhe sem receio, cara a cara: pode ser que ele julgue que sou dos ríjos e não me ponha as mãos em cima.

340

MERCÚRIO

Para onde vais, tu que trazes lume na corna? ⁽¹²⁾

SÓSIA

E que tens tu lá a ver com isso, tu que desossas as pessoas à
porrada?

MERCÚRIO

És escravo ou homem livre?

SÓSIA

Sou o que me dá na real gana.

MERCÚRIO

Ah! Ele é isso?!

SÓSIA

É como digo!

MERCÚRIO

Vais apanhar!

SÓSIA

Mentiroso!

MERCÚRIO

345 Mas não tarda nada que eu te não obrigue a confessar que
digo a verdade.

SÓSIA

E para que é preciso isso?!

MERCÚRIO

Posso saber para onde vais, quem é o teu dono e a que
vieste?

SÓSIA (*apontando para a casa de Anfítrio*)

Vou para aqui; sou o criado do dono da casa. Já estás mais
esclarecido?

MERCÚRIO

Ainda hoje te fodo essa língua, maldito.

SÓSIA

Impossível: está virgem⁽¹³⁾ e bem guardada.

MERCÚRIO

Continuas a armar-te em esperto?! Que tens tu a cheirar 350
nesta casa?

SÓSIA

E tu também?!

MERCÚRIO

O rei Creonte põe sempre aqui, todas as noites, uma senti-
nela.

SÓSIA

E faz ele muito bem: como estávamos fora, cuidou de nos
guardar o prédio. Mas agora trata de lá ir dentro dizer que che-
garam os da casa.

MERCÚRIO

Homessa! Tu desta casa...? Se não te somes já daqui, ó tu da
casa, farei com que tenhas uma recepção bem pouco caseira... 355

SÓSIA

É aqui que eu moro, sim; e sou escravo dos donos.

MERCÚRIO

Mas queres saber como?! Se não desandas daqui, ainda hoje faço de ti um andor!...

SÓSIA

Que queres tu dizer com isso?

MERCÚRIO

Que irás de padiola, e não a pé, se eu pegar no cacete.

SÓSIA

Qual quê?! Mas se eu te afirmo que sou caseiro desta casa!...

MERCÚRIO

360 Vê lá! Tu estás mesmo a pedir uma sova! O melhor é que te ponhas já a mexer daqui!

SÓSIA

Então tu atreves-te a impedir-me de entrar em casa, a mim que venho de longe?

MERCÚRIO

Esta, aqui, é a tua casa?!

SÓSIA

É, pois.

MERCÚRIO

Então, quem é o teu patrão?

SÓSIA

Anfitrião, o actual comandante das legiões tebanas, o marido de Alcmena.

MERCÚRIO

Que estás tu para aí a dizer? Como te chamas?

SÓSIA

Os de Tebas chamam-me Sósia, filho de Davo.

365

MERCÚRIO

Não há dúvida: para tua desgraça, tu vieste hoje para cá com um acervo de mentiras, tu, meu coruto de desaforos, meu tecido de patranhas...

SÓSIA

Olha que não! Tecida foi só a camisa com que para aqui vim, e não as patranhas.

MERCÚRIO

E continuas a mentir: foi com os pés, não com a camisa, que tu vieste!

SÓSIA

370 Sim! Lá isso é verdade!

MERCÚRIO

É verdade: (*erguendo o braço, ameaçador*) agora toma lá pelas tuas mentiras.

SÓSIA

É verdade que eu não quero, palavra!

MERCÚRIO

Mas, palavra, é verdade que vais apanhar, quer queiras quer não. (*Bate-lhe.*) Aqui tens um «é verdade» obrigatório, e não facultativo!

SÓSIA

Piedade, por quem és!

MERCÚRIO

Então tu atreves-te a dizer que és Sósia?! Sósia sou eu.

SÓSIA

Estou perdido!

MERCÚRIO

375 E ainda não dizes tudo: espera e já vais ver! A quem pertences tu agora?

SÓSIA

A ti, pois que à força de punhadas me fizeste teu. Ó da guarda, cidadãos de Tebas!

MERCÚRIO

Ainda te atreves a gritar, meu patife? Fala: porque é que vieste?

SÓSIA

Para haver alguém que tu pudesses rachar a soco.

MERCÚRIO

Quem é o teu amo?

SÓSIA

Já te disse: sou o Sósia de Anfítrio.

MERCÚRIO

Ah, sim?! Então, por seres mentiroso, ainda vais apanhar mais. (*Bate-lhe.*) Sósia sou eu, não tu!

SÓSIA

Quem dera que assim fosse! Seria eu antes a chegar-te! 380

MERCÚRIO

Ainda resmungas?

SÓSIA

Já me calo.

MERCÚRIO

Quem é o teu patrão?

SÓSIA

Quem tu quiseres.

MERCÚRIO

E então? Qual é o teu nome agora?

SÓSIA

Nenhum, salvo ordens tuas.

MERCÚRIO

Dizias tu que eras o Sósia de Anfítrio.

SÓSIA

Enganei-me: o que eu queria dizer é que era o sócio de Anfítrio.

MERCÚRIO

385 Eu bem sabia que, cá em casa, não havia nenhum outro escravo Sósia, além de mim. Tu perdeste o juízo!

SÓSIA

Oxalá tivesses tu perdido os punhos!

MERCÚRIO

Eu é que sou o Sósia que tu, há pouco, me dizias que eras!

SÓSIA

Peço-te que me deixes falar em paz, sem o risco de apanhar.

MERCÚRIO

Está bem! Façamos tréguas, por um instante, se é que tens alguma coisa a dizer-me.

SÓSIA

Não falo sem fazermos as pazes, pois, com os punhos, és tu quem me leva a palma. 390

MERCÚRIO

Diz lá o que quiseres: não te faço mal.

SÓSIA

Posso confiar em ti?

MERCÚRIO

Podes.

SÓSIA

E se me enganares?

MERCÚRIO

Então, que a ira de... Mercúrio recaia sobre... Sósia!

SÓSIA

Ora ouve cá; agora posso dizer o que quiser com toda a liberdade. Eu é que sou Sósia, o escravo de Anfítrião.

MERCÚRIO

Outra vez?!

SÓSIA

395 Eu cá fiz as pazes, fiz um pacto, digo a verdade.

MERCÚRIO

Toma! (*Dá-lhe um soco.*)

SÓSIA

Faz como quiseres e o que quiseres, já que, com os punhos, és tu quem me leva a palma. Mas seja o que for que venhas a fazer, eu não calarei a verdade.

MERCÚRIO

Nunca, em vida tua, conseguirás fazer com que eu não seja Sósia.

SÓSIA

E tu, decerto, nunca me impedirás de ser quem sou: em nossa casa, não há nenhum outro escravo Sósia, a não ser eu, que 400 fui daqui para a guerra com Anfítrião.

MERCÚRIO

Este tipo não está bom do miolo!

SÓSIA

O mal que me atribuis, tu é que sofres dele! Que raio! Então eu não sou Sósia, o escravo de Anfítrião?! Acaso não chegou cá esta noite, vindo do porto Pérsico, um navio nosso que me trouxe?! Não foi o meu patrão quem me cá mandou?! Não estou eu diante da nossa casa?! Não trago uma lanterna na mão?! Não estou a falar?! Não estou acordado?! Aqui este fulano não me moeu de socos, ainda há pouco?! Lá isso é que moeu: pobre de mim, que ainda tenho os queixos a doer! Então, de que hei-de eu ter dúvidas?! E porque é que não entro em nossa casa?!

405

MERCÚRIO

O quê? Em vossa casa?

410

SÓSIA

Sim, pois!

MERCÚRIO

Pois tudo o que acabas de dizer não passa de um chorralho de mentiras: o Sósia de Anfítrião sou eu. O nosso barco partiu, esta noite, do porto Pérsico e conquistámos a cidade, onde reinava o rei Ptérelas, e, com a força das nossas armas, vencemos as legiões

415 dos Teléboas, e foi o próprio Anfítrio quem degolou o rei Ptérelas em combate.

SÓSIA (*à parte*)

Eu já nem acredito em mim mesmo, ao ouvi-lo afirmar tudo isto: do que não há dúvida é que este aqui refere, tintim por tintim, tudo o que se lá passou. (*A Mercúrio.*) Mas diz-me cá: o que é que os Teléboas ofereceram a Anfítrio?

MERCÚRIO

A taça de ouro pela qual o rei Ptérelas costumava enfrascar-se.

SÓSIA (*à parte*)

420 É o que ele disse! (*A Mercúrio.*) E agora a taça, onde está ela?

MERCÚRIO

Num estojo, selado com o selo de Anfítrio.

SÓSIA

E o selo, diz lá como é?

MERCÚRIO

O Sol nascente com a sua quadriga. Estás a tentar apanhar-me em falta, patife?

SÓSIA (*à parte*)

As provas são convincentes: tenho mas é de arranjar outro nome. Não sei de onde é que ele pôde ver tudo isto. Mas eu vou-

-lhe já passar uma boa rasteira: aquilo que eu mesmo fiz sozinho — pois na tenda não havia mais ninguém —, isso é que ele agora será incapaz de dizer. (*A Mercúrio.*) Se tu és Sósia, que estiveste a fazer na tenda, enquanto as tropas lutavam com denodo? Rendo-me, se o disseres.

425

MERCÚRIO

Havia lá uma pipa de vinho e eu enchi uma picheira.

SÓSIA (*à parte*)

Vai no bom caminho!

MERCÚRIO

E esse vinho emborquei-o estreme, tal e qual ele safra da 430
mãe-cepa.

SÓSIA (*à parte*)

Foi isso mesmo, eu ter lá chupado uma picheira do puro. Estás cá a parecer que ele se escondeu, por milagre, dentro da picheira!

MERCÚRIO

E agora? Estás convencido de que não és Sósia?

51

SÓSIA

E tu afirmas que eu não sou eu?!

MERCÚRIO

E como não hei-de afirmá-lo, se Sósia sou eu?!

SÓSIA

435 Juro, por Júpiter, que sou Sósia e que falo verdade.

MERCÚRIO

E eu juro por... Mercúrio que Júpiter não acredita em ti: pois tenho a certeza de que ele se fiará mais em mim, sem juras, do que em ti, com os teus juramentos.

SÓSIA

Então, quem sou eu, se não sou Sósia? Não me dirás?!

MERCÚRIO

440 Quando eu quiser deixar de ser Sósia, podes tu sê-lo à vontade. Por agora, visto que Sósia sou eu, levas, se não desandares daqui, meu sem-nome.

SÓSIA (*à parte*)

Coa breca! É verdade! Quando o examino e reconheço a minha figura, tal e qual eu sou — tenho-me visto muitas vezes ao espelho —, nada há mais semelhante a mim mesmo. O chapéu e o vestuário são iguais aos meus, sem tirar nem pôr. A perna, o pé, a estatura, o corte de cabelo, os olhos, o nariz, os lábios, as faces, o queixo, a barba, o pescoço: sou eu chapado! Que mais dizer? Se ele tiver cicatrizes nas costas, não haverá semelhança mais semelhante. Porém, quando me ponho a pensar, tenho a certeza de ser

o mesmo que sempre fui! Conheço o patrão, conheço a nossa casa: eu cá, seguramente, sei e sinto! Não vou mas é fazer caso do que ele diz! Toca a bater à porta!

MERCÚRIO

Para onde é que tu vais?

450

SÓSIA

Para casa.

MERCÚRIO

Mesmo que subas já para a quadriga de Júpiter e te ponhas a cavar daqui, mesmo assim, a custo poderás livrar-te do castigo que te espera.

SÓSIA

Então não posso dar parte à minha patroa das ordens do patrão?!

MERCÚRIO

À tua, dá lá parte do que quiseres; cá da nossa é que eu não deixo que te aproximes. Se me fazes irritar, não te irás hoje daqui sem te arriscares a um *pau... frágio no lombo!* (¹⁴)

SÓSIA

O melhor é ir-me embora. Que o Céu me valha! Mas onde é que eu me perdi? Onde é que eu mudei de pele? Onde é que deixei a minha figura? Será que eu me fiquei por lá, sem me ter dado conta disso? Do que não há dúvida é que este, aqui, é senhor de todos os traços que até agora me pertenciam. Cabe-me a honra de um retrato em vida, que ninguém me fará de morto! Vou mas é ao porto, contar ao meu patrão o que aqui se passou: a menos que também ele já não me reconheça. Quem dera que Júpiter me concedesse essa graça! Hoje mesmo, rapava a cabeça e enfiava na careca o barrete de liberto (¹⁵). (*Sai pela esquerda.*)

455

460

CENA II

MERCÚRIO

Cá o negócio correu-me hoje às mil maravilhas: espantei da nossa porta este grandessíssimo chato, e, deste modo, meu pai poderá abraçar tranquilamente a sua querida. Quanto ao nosso homem, mal chegar junto do amo, Anfítrião, contar-lhe-á que o escravo Sósia o pôs a andar de casa. Como é natural, o patrão vai pensar que ele lhe está a enfiar uma galga e não acredita que ele veio cá, como lhe ordenara. Vou enchê-los, a ambos, de confusão e desatino, e, também, a todos os da casa, até que o meu pai se farte da amada: só então, pois, é que todos eles hão-de saber o que se passou. No fim, Júpiter restabelecerá a concórdia entre Alcmena e o marido. É que Anfítrião vai começar por fazer uma cena à mulher e acusá-la de adultério. Mas, depois, meu pai trará a bonança a seguir à tempestade. Ora, quanto ao que há pouco aludi a respeito de Alcmena, ela, hoje, vai dar à luz dois gémeos: um nascerá de nove meses, o outro de seis. O primeiro é filho de Anfítrião, o outro de Júpiter: o filho menor terá o pai maior; o filho maior, o pai menor. Compreenderam? Mas, por consideração para com Alcmena, meu pai tratou de fazer com que haja um só parto: assim, com um trabalho apenas, livra-se ela de uma dupla provação, e, ao mesmo tempo, escapa à suspeita de adultério, e o arranjinho não se descobre. Contudo, como já há instantes vos disse, Anfítrião há-de vir a saber tudo. Pois quê?! Ninguém poderá incriminar Alcmena: é que não seria justo que um deus deixasse inculpar uma mortal da sua própria falta. Mas basta de conversa! A porta rangeu. Aí vem ele, o suposto Anfítrião, com Alcmena, sua esposa em usufruto.

CENA III

JÚPITER ALCMENA (*em estado de gravidez avançada*)
MERCÚRIO

JÚPITER (*saindo de casa*)

Adeus, Alcmena, olha pelas nossas coisas, como tens feito até aqui, e, por favor, tem-me cuidado: tu bem vês que o tempo da gravidez já acabou. Quanto a mim, é mister que eu parta; mas tu cuida-me da criança que nascer.

ALCMENA

Ó querido, mas que compromisso é esse, para te ires embora assim tão depressa?

JÚPITER

Ah! Não é que eu esteja farto de ti ou da nossa casa, não; mas quando o comandante-chefe não está com os seus homens, mais depressa se faz o que se não deve do que o que se deve. 505

MERCÚRIO (*à parte*)

Que hipócrita sabido é o meu digno pai! Vejam bem com que denguezes ele adulga a fulana!

ALCMENA

A experiência me mostra bem o grande caso que fazes da tua mulher!

JÚPITER

Não te basta que eu não goste tanto de nenhuma outra como de ti?

MERCÚRIO (*à parte e apontando para o céu*)

Ah, que se a outra lá de cima ⁽¹⁶⁾ soubesse que andavas 510
ocupado em tais andanças, aposto que, em vez de Júpiter, preferias ser Anfítrião, de facto!

ALCMENA

Desse amor antes queria provas reais, e não simples palavras. Vais-te embora, antes de teres aquecido sequer o lugar da cama onde te deitaste. Ontem, chegaste a meio da noite, e agora já te vais! É bonito isto?!

MERCÚRIO (*à parte*)

515 É altura de eu me aproximar, falar com ela e secundar meu pai com bajulices. (*A Alcmena*.) Palavra que nunca mortal algum amou tão perdidamente a sua mulher como aqui o teu marido, que está perdidinho por ti.

JÚPITER (*a Mercúrio, num tom ameaçador*)

Ó seu estupor, julgas tu que não te conheço?! Fora da minha vista! Que tens tu lá a ver com isto, meu velhaco, ou estares para 520 aí a resmungar? Mas com este bastão eu já te...

ALCMENA

Ah! Não!

JÚPITER (*a Mercúrio*)

Ora torna a abrir a boca!

MERCÚRIO (*à parte*)

Ia-me saindo mal com a minha primeira bajulice!

JÚPITER (*a Alcmena*)

Mas quanto ao que dizes, esposa querida, não é justo que te zangues comigo. Deixei o exército às escondidas: foi por ti que eu me furtei aos meus deveres, para que fosses tu a primeira a saber, e eu o primeiro a contar-te como me desempenhei dos 525 meus deveres de cidadão. Tudo isso eu te narrei de fio a pavio. Não o teria feito, se te não quisesse tanto!

MERCÚRIO ()

Eu não lhes disse que ele era assim? A pobrezinha — é com lisonjas que trata de a amansar!

JÚPITER

Ora, para que as tropas se não apercebam de nada, tenho de retomar o meu posto às escondidas: não vão eles dizer que, para mim, a mulher está à frente dos interesses do Estado.

ALCMENA

Com esta tua partida, tu deixas-me desfeita em lágrimas.

JÚPITER

Não digas isso! Não dês cabo desses teus formosos olhos. 530
Eu volto já!

ALCMENA

Bem longo é esse teu «já»!

JÚPITER

Não é por gosto que eu te deixo aqui e me vou embora.

ALCMENA (*irónica*)

Bem vejo! Na mesma noite em que vieste, assim te vais!

JÚPITER

Mas porque me reténs? É tempo; quero sair da cidade antes que seja dia. (*Mostra-lhe o estojo*) Olha: esta taça foi-me lá oferecida por prémio do meu valor; por ela é que bebia o rei Ptéreas, que morreu às minhas mãos. Alcmena, é para ti, dou-ta.

535

ALCMENA

És sempre o mesmo! Não há dúvida: o presente é digno de quem o dá.

MERCÚRIO (*a Alcmena*)

Qual quê?! É digno presente, isso sim, de quem no recebe!

JÚPITER (*a Mercúrio, com voz ameaçadora*)

Outra vez?! Tu pensas que eu não sou capaz de te desfazer, patife?

540

ALCMENA

Anfitrião, por favor, não te zangues assim com Sósia por minha causa.

JÚPITER

Faça-se a tua vontade!

MERCÚRIO (*à parte*)

O amor põe-no todo numa fúria!

JÚPITER (*a Alcmena*)

Tu não me queres mais nada, pois não?

ALCMENA

Quero, sim! Que, longe de mim, me ames, porque, mesmo na tua ausência, sou sempre tua.

MERCÚRIO

Vamos, Anfitrião: já começa a clarear.

JÚPITER

Vai tu à frente, Sósia; já vou atrás de ti. (*Mercúrio sai pela esquerda.*) (*A Alcmena.*) Mais alguma coisa?

ALCMENA

Sim: que voltes depressa!

JÚPITER

Combinado! Estarei de volta mais depressa do que pensas. E tu fica calma! (*Alcmena entra em casa.*) Agora, ó Noite, tu que esperaste por mim, restituo-te à liberdade: dá lugar ao dia; que ele ilumine os mortais com a sua luz clara e cándida. E quanto tu, ó Noite, foste mais longa do que a anterior, tanto mais breve farei que seja este dia: assim se compensarão os dois desequilíbrios. Vá! Que o dia suceda à noite. Mas é tempo de ir no encalço de Mercúrio. (*Sai pela esquerda.*)

545

550

ACTO II

CENA I

ANFITRIÃO SÓSIA

ANFITRIÃO (*surgindo da esquerda, acompanhado de Sósia e alguns escravos*)

Vamos, tu, segue-me.

SÓSIA
Sigo, sigo-te já.

ANFITRIÃO

Um refinadíssimo malvado é o que tu me saíste!

SÓSIA

Mas porquê?

ANFITRIÃO

Por me vires para cá com histórias de coisas que não existem, nem existiram, nem hão-de existir.

SÓSIA

555 Pronto! Lá estás tu como costumas: não tens confiança nenhuma nos teus servos.

ANFITRIÃO

Pois quê! Como é que eu posso tê-la? Mas juro-te que não tarda nada que eu te não corte essa língua malvada, meu malvado.

SÓSIA

560 Sou teu escravo: por isso faz o que muito bem te der na real gana. Contudo, nunca, por nunca ser, me poderás impedir de contar os factos tal e qual eles aqui se passaram.

ANFITRIÃO

Ó meu grandessíssimo velhaco, tu atreves-te a afirmar que estás neste momento em casa, estando tu aqui, a meu lado?!

SÓSIA

Digo a verdade.

ANFITRIÃO

Má'rai's te partam, como eu hoje te hei-de partir!

SÓSIA

Isso está nas tuas mãos: sou teu escravo!

ANFITRIÃO

565 Ó meu patife, então tu tens o atrevimento de me enganar, a mim, o teu patrão? Tu tens o descaramento de afirmar aquilo que ninguém até hoje jamais viu ou pôde acontecer: que a mesma pessoa pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo, no mesmo instante?!

SÓSIA

Mas é verdade: a coisa é exactamente como te digo.

ANFITRIÃO

Que Júpiter te confunda!

SÓSIA

Mas que mal te fiz eu, patrão?

ANFITRIÃO

Ainda perguntas, canalha, tu que andas a brincar comigo?!

SÓSIA

Terias o direito de me maldizer, se os factos se tivessem passado de outro modo. Mas eu não minto; apenas conto como a coisa se deu.

ANFITRIÃO

Mas este tipo está com os copos, quer-me bem parecer.

SÓSIA

575 Quem dera que sim!

ANFITRIÃO

Desejas o que já fizeste!

SÓSIA

Eu?!

ANFITRIÃO

Tu, sim! Onde estiveste a beber?

SÓSIA

Em parte nenhuma, juro.

ANFITRIÃO

Mas que espécie de homem és tu?!

SÓSIA

Já to disse uma dezena de vezes: eu estou em casa, repito. Estás a ouvir-me?! E eu, Sósia, a mesma pessoa, estou ao pé de ti. Parece-te agora, patrão, que falei com clareza e rigor que baste?

ANFITRIÃO

Fora! Desaparece da minha vista!

SÓSIA

Mas que se passa?

ANFITRIÃO

Estás com uma doença má.

580

SÓSIA

Mas porque dizes isso? Eu cá sinto-me bem e de perfeita saúde, Anfitrião.

ANFITRIÃO

Mas eu hoje, em paga, hei-de fazer com que te não sintas assim tão bem, nem tão contente com a tua sorte, se eu conseguir voltar a casa são e salvo. Anda, segue-me, tu que andas a zombar do teu patrão com essas histórias de parvo: não te bastou faltares ao cumprimento das ordens do teu amo, para, ainda por cima, vires para cá agora fazer troça dele: o que tu andas para aí a dizer, malvado, é impossível e inaudito. Mas todas essas aldrabices, eu tas farei cair, hoje mesmo, sobre o lombo.

585

SÓSIA

Anfitrião, a mais desgraçada das desgraças para um bom servo, que ao patrão conta a verdade, é ver a verdade vencida pela violência.

590

ANFITRIÃO

Mas pensa lá nisto que te digo: como é que é possível — cum raio! —, que tu estejas, neste momento, aqui e em casa?! É isso que eu quero que me expliques.

SÓSIA

595 O que é certo é que estou cá e lá. Que se admire quem quiser! A ti é que isto tudo não causa mais admiração do que a mim.

ANFITRIÃO

Como?!

SÓSIA

É o que te digo: isto cá não é mais espantoso para ti do que para mim. Assim os deuses me ajudem como a princípio não acreditava em mim próprio, Sósia, até que o meu outro eu, Sósia, me obrigou a acreditar nele. Tudo o que lá se passou, enquanto estivemos em terra inimiga, ele me contou tintim por tintim, de fio a pavio; foi lá que ele me roubou a figura, juntamente com o nome. É que duas gotas de leite não são tão semelhantes entre si, como ele é semelhante a mim (¹⁷). Quando há pedaço, antes do amanhecer, me mandaste, à frente, do porto para casa...

ANFITRIÃO

E então?!

SÓSIA

...eu estava à porta de casa, muito antes de lá ter chegado.

ANFITRIÃO

Mas que balelas, com um raio! Tu estás mesmo bom da cabeça?!

SÓSIA

Estou como vês!

ANFITRIÃO

A este tipo algum mau olho lhe deitou mau olhado, depois 605 que saiu de ao pé de mim.

SÓSIA

Lá isso é verdade: até estou zanaga com tanto soco!

ANFITRIÃO

Quem te bateu?

SÓSIA

Eu mesmo: isto é, o eu que está agora em casa.

ANFITRIÃO

Ai de ti, se não respondes exactamente ao que te pergunto! Em primeiro lugar: quem é esse tal Sósia? Vamos lá, responde!

SÓSIA

O teu criado.

ANFITRIÃO

Para mim já me basta um só: tu! E, desde que nasci, não tive 610 nenhum outro escravo Sósia, a não seres tu.

SÓSIA

Mas escuta agora, Anfitrião: eu garanto-te que, ao chegares a casa, eu hei-de fazer com que lá encontres um outro escravo

615 Sósia, além de mim, filho do mesmo Davo, como eu, com o mesmo aspecto que eu, e da mesma idade. Que hei-de eu dizer-te mais? O Sósia, que aqui vês, fez-se em dois!

ANFITRIÃO

É muito estranho o que me dizes! Mas viste minha mulher?

SÓSIA

Qual quê?! Nem sequer me deixaram pôr o pé em casa!

ANFITRIÃO

Mas quem te impediu?

SÓSIA

O Sósia de que estou farto de te falar, o mesmo que me zupou.

ANFITRIÃO

Mas quem é esse Sósia?

SÓSIA

Eu, repito. Quantas vezes será preciso repetir-to?!

ANFITRIÃO

620 Mas que estás tu para a aí a dizer? Estiveste a dormir?!

SÓSIA

Nem nada!

ANFITRIÃO

É que, nesse caso, talvez tivesses visto, em sonhos, essoutro Sósia.

SÓSIA

Não tenho por costume cumprir as ordens de meu amo a dormir. Eu vi-o bem acordado, como bem acordado te estou agora a ver e a falar; e estava bem acordado, quando ele, igualmente bem acordado, há pouco me amassou com os punhos.

ANFITRIÃO

Mas quem?

625

SÓSIA

Sósia, repito, o meu outro eu. Mas, por favor, então não estás a perceber?!

ANFITRIÃO

Mas, com um raio, quem é que pode perceber-te?! Só estás a papaguear baboseiras!

SÓSIA

Não tardas a conhecer a verdade, quando travares conhecimento com o tal escravo Sósia...!

ANFITRIÃO

Então, anda aqui comigo; tenho de pôr já isto tudo em pratos limpos. Mas ouve lá: que me tragam imediatamente, do navio, tudo aquilo que ordenei.

SÓSIA

630

Lá lembrado e cuidadoso sou eu no cumprimento das tuas ordens. Eu cá não misturo, na barriga, as tuas ordens com o vinho!

ANFITRIÃO

Quem me dera que os factos desmentissem as tuas palavras!

CENA II

ALCMENA

ANFITRIÃO

SÓSIA

ALCMENA (*saindo de casa na companhia de uma escrava*)

635

Na vida, que se leva, bem pequena coisa é o prazer em confronto com os desgostos! É assim o destino de cada um; foi assim que aprouve aos deuses: que a tristeza fosse companheira inseparável do prazer; e até, se alcançarmos um pouco de felicidade, logo nos sobrevém maior número de aborrecimentos e desditas. Tenho experiência disso agora, aqui em casa, e sei-o bem por mim mesma: foi-me concedida uma certa felicidade, enquanto me foi dado ver o meu marido, uma noite apenas! Mas, de repente, ei-lo que se vai daqui, de ao pé de mim, sem sequer esperar pelo dia. Agora tenho a impressão de estar para aqui sozinha, sem aquele que eu amo acima de tudo. Tive mais amargura com a sua partida que prazer com a sua chegada! Ao menos, há uma coisa que me torna feliz: a sua vitória contra o inimigo e o seu regresso à pátria, coberto de glória. É o que me consola! Que ele esteja longe de mim, contanto que volte a casa cumulado de louvores; hei-de suportar e sofrer, até ao fim, a sua ausência, com coragem e firmeza, se em troca me for dado que meu marido seja proclamado vencedor da guerra: considerar-me-ei satisfeita. Sim, o valor é o mais belo dos galardões; o valor vai à frente de tudo o

mais. Liberdade, segurança, vida, bens e família, pátria e filhos é ele quem os protege, é ele quem os defende. O valor contém tudo em si mesmo; todos os bens assistem a quem possui valor.

650

ANFITRIÃO (*sem ver Alcmena*)

655

À fé de quem sou, creio bem que minha mulher anseia pelo meu regresso a casa. O amor que ela me tem, eu lho pago na mesma moeda. Para mais, a empresa foi levada a bom cabo e os inimigos derrotados. Ninguém pensava que eles pudessem ser vencidos, mas nós, sob a minha direcção e o meu comando, desbaratámo-los logo à primeira refrega. Portanto, tenho bem a certeza que ela aguarda com ansiedade o meu regresso.

SÓSIA

E eu?! Julgas tu que a minha amada não está, também, à minha espera?

ALCMENA (*ao ver Anfitrião*)

660

Mas aquele é o meu marido!

ANFITRIÃO (*a Sósia, sem ver Alcmena*)

Vem daí comigo!

ALCMENA (*à parte*)

Mas como é que ele está já de volta, quando ainda há pouco afirmava estar com tanta pressa?! Será que ele está a pôr-me à prova, o sabido, e quer verificar como a sua ausência me faz saudades? Ah, mas o seu regresso a casa não me contraria mesmo nada!

SÓSIA

São os humores negros que a atormentam. Não há mal que faça delirar as pessoas tão depressa.

ANFITRIÃO

Quando é que começaste a sentir perturbações, mulher?

ALCMENA

730 Juro-te por tudo que estou perfeitamente bem.

ANFITRIÃO

Mas então porque é que garantes que me viste ontem, se foi esta noite que chegámos ao porto?... Foi lá, no navio, que eu jantei; foi lá que eu dormi a noite inteira; e ainda não pus o pé cá, em casa, desde que daqui parti para a guerra contra os Teléboas e alcançámos a vitória.

ALCMENA

735 Nada disso: foi comigo que jantaste e comigo que dormiste!

ANFITRIÃO

Que é lá isso?!

ALCMENA

Digo a verdade!

ANFITRIÃO

A este respeito é que não, caramba! Quanto ao resto não sei.

ALCMENA

E foi de manhãzinha que regressaste para junto das tuas tropas.

ANFITRIÃO

Como?!

SÓSIA (*a Anfítrião*)

Ela está a dizer as coisas tal e qual se recorda: é um sonho que ela te está a contar. (*A Alcmena*.) Mas tu, senhora, uma vez acordada, devias ter rezado a Júpiter que afasta os maus agoiros, e oferecer-lhe farinha salgada ou incenso.

740

ALCMENA

Má morte te leve!

SÓSIA

A ti...⁽²⁰⁾ é que convém ter cuidado com essas coisas!

ALCMENA

Já é a segunda vez que este atrevido me falta ao respeito, e sem apanhar!

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Tu estás-me calado! (*A Alcmena*.) E tu diz-me cá: então, eu fui-me daqui, de ao pé de ti, hoje de manhãzinha?!

ALCMENA

E quem, senão vocês, me contou como decorreu lá a batalha?!

ANFITRIÃO

745 Ah, também sabes isso?!

ALCMENA

Pois se foi da tua boca que eu ouvi como conquistaste aquela cidade tão poderosa, e mataste, por tuas próprias mãos, o rei Pté-relas!

ANFITRIÃO

E fui eu quem te disse isso?!

ALCMENA

Sim, tu; e até na presença deste aqui, de Sósia.

ANFITRIÃO (*voltando-se para Sósia*)

Tu ouviste-me, hoje, contar tal coisa?!

SÓSIA

Onde é que o poderia ter ouvido, eu?

ANFITRIÃO

Pergunta-lho a ela!

SÓSIA

Na minha presença, não o contaste tu, que eu saiba.

ALCMENA (*a Anfitrião*)

Era para admirar que ele te contradisse!

750

ANFITRIÃO

Sósia, vamos olha bem para mim.

SÓSIA

Estou a olhar.

ANFITRIÃO

Quero que digas a verdade, sem procurares ser-me agradável. Tu ouviste-me, hoje, contar-lhe o que ela afirma?

SÓSIA

Caramba! Também tu estás maluco, ao fazer-me tal pergunta? Então não estou eu a vê-la agora pela primeira vez ao pé de ti?!

ANFITRIÃO

E agora mulher? Estás a ouvir o que ele diz?

755

ALCMENA

Se estou: mentiras!

ANFITRIÃO

Não acreditas nele, e nem sequer em mim, meu marido?

ALCMENA

Não! É que acredito muito mais em mim própria; e sei bem que as coisas se passaram exactamente como te digo.

ANFITRIÃO

Mas tu afirmas que eu cheguei ontem?!

ALCMENA

E tu negas que te foste daqui hoje?!

ANFITRIÃO

Sim, nego, pois; e sustento que estou a chegar agora pela primeira vez a casa, ao pé de ti.

ALCMENA

760 Por favor: negarás tu, também, que me deste hoje, de presente, a taça de ouro que, tu o disseste, te foi lá oferecida?

ANFITRIÃO

Palavra que nem ta dei nem to disse; mas, de facto, era minha intenção, e ainda é, presentear-te com essa taça. Mas quem é que te disse isso?

ALCMENA

Foi da tua boca que o ouvi e da tua mão que recebi essa taça.

ANFITRIÃO

765 Um momento, um momento, por favor! (*Voltando-se para Sóssia.*) Estou espantado, Sóssia! Como é que ela sabe que me fiz-

ram lá presente da taça de ouro? A menos que tu, há bocado, não te tenhas encontrado com ela e não lhe tenhas contado tudo.

SÓSSIA

Juro-te que não disse nada e nem sequer a vi, senão agora contigo.

ANFITRIÃO

Então quem teria sido?

ALCMENA

Queres que mande trazer a taça?

ANFITRIÃO

Quero, pois!

ALCMENA

770 Está bem. (*À escrava que a acompanha.*) Téssala, vai lá dentro buscar a taça, que o meu marido me deu hoje de presente.

ANFITRIÃO

Sóssia, chega aqui. Se ela tiver a taça, será esse, decerto, o facto estranho que mais estranheza me há-de causar.

SÓSSIA (*mostrando o estojo*)

E tu acreditas nisso, se eu a trago aqui, neste estojo, selado com o teu próprio selo?!

ANFITRIÃO

E o selo está intacto?

SÓSIA

Verifica.

ANFITRIÃO

775 Bom: está exactamente como o marquei.

SÓSIA

Ouve cá: e porque é que não a mandas esconjurar como possessa?

ANFITRIÃO

É o que tenho mesmo de fazer, não há dúvida: palavra que ela está cheia de espíritos malignos!

ALCMENA (*segurando a taça que Téssala lhe trouxe*)

Mas para que estar com mais conversas? Aqui tens a taça: ei-la!

ANFITRIÃO

Dá-ma cá.

ALCMENA

Vamos, olha para aqui agora, se fazes favor, tu que negas a realidade dos factos: vou já, aqui mesmo, convencer-te publicamente. É esta a taça que lá te ofereceram?

780

ANFITRIÃO

Deus do céu, que vejo?! É mesmo esta, a taça. Sósia, estou perdido!

SÓSIA

Que raio! Ou esta mulher é a melhor ilusionista do mundo ou a taça há-de estar aqui dentro. (*Aponta para o estojo.*)

ANFITRIÃO

Vá, vá, abre-me o estojo.

SÓSIA

E para que hei-de eu abri-lo? Está bem selado. Fizemo-la bonita: tu pariste outro Anfitrião, e eu, outro Sósia. Ora, se a taça tiver parido outra taça, estamos todos a dobrar!

785

ANFITRIÃO

Abre lá, repito, e vê bem.

SÓSIA

Verifica mas é tu, como está o selo: depois não deites as culpas para cima de mim.

ANFITRIÃO

Anda, abre lá: que esta mulher, com as suas palavras, quer mas é dar-nos volta ao miolo.

ALCMENA

Mas, então, donde é que me veio esta taça, a não ser de ti, 790 que ma ofereceste?!

ANFITRIÃO

Ora aí está o que eu preciso de esclarecer.

SÓSIA (*observando o interior do estojo*)

Céus, ah, céus!

ANFITRIÃO

Que tens tu lá?

SÓSIA

Aqui tens, no estojo, não há taça nenhuma!

ANFITRIÃO

Que ouço eu?!

SÓSIA

A verdade.

ANFITRIÃO (*ameaçador*)

Estás bem arranjado, se ela não aparecer!

ALCMENA

Mas já apareceu: é esta.

ANFITRIÃO

E quem é que ta deu?

ALCMENA

Quem diz quem!

SÓSIA (*a Anfitrião*)

Queres mas é apanhar-me: tu saíste do navio às escondidas, 795
vieste para aqui a correr à minha frente, por outro caminho;
depois tiraste a taça daqui de dentro e deste-lha, e, a seguir, tra-
taste de selar de novo o estojo, sem que ninguém te visse.

ANFITRIÃO

Era só o que me faltava! Também tu te pões agora a contri-
buir para a sua loucura? (*A Alcmena*.) Então tu afirmas que nós
viemos cá ontem?!

ALCMENA

Sim, afirmo; e que tu, logo à chegada, me cumprimentaste, e 800
eu a ti; e que te dei um beijo.

SÓSIA (*à parte*)

Para já, essa história do beijo não me está a agradar nada...

ANFITRIÃO

Continua.

ALCMENA

Tomaste banho.

ANFITRIÃO

E a seguir ao banho?

ALCMENA

Foste para a mesa.

SÓSIA

Muito bem! Óptimo! Continua com o interrogatório.

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Não interrompas. (*A Alcmena.*) Vai dizendo mais.

ALCMENA

Serviu-se-te o jantar. Jantaste comigo; e eu deitei-me ao teu lado.

ANFITRIÃO

805 No mesmo leito?!⁽²¹⁾

ALCMENA

Sim, no mesmo.

SÓSIA

Hui! Cheira-me a esturro o banquete!

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Deixa-a apresentar as provas. (*A Alcmena.*) E depois do jantar?

ALCMENA

Dizias que estavas com sono; levantou-se a mesa e fomos deitar.

ANFITRIÃO

E tu, onde te deitaste?

ALCMENA

Contigo, na mesma cama, no nosso quarto.

ANFITRIÃO

Mataste-me!

SÓSIA

Mas que tens tu?

ANFITRIÃO

Esta mulher acabou comigo.

ALCMENA

E porquê, se fazes favor?

810

ANFITRIÃO

Não me fales!

SÓSIA

Mas o que é que tu tens?

ANFITRIÃO

Desgraçado, estou perdido! Alguém se aproveitou da minha ausência para seduzir esta mulher.

ALCMENA

Por amor de Deus, homem, porque é que dizes isso?

ANFITRIÃO

Eu, teu homem?! Ah, minha falsa! Não me chames nomes falsos!

SÓSIA (*à parte*)

A coisa complica-se, se aqui, o patrão, de homem se transformou em mulher...

ALCMENA *a Anfitrião*

815 Mas que fiz eu para me falares deste modo?

ANFITRIÃO

Tu mesma proclamas as tuas proezas, e ainda me perguntas que mal fizeste?!

ALCMENA

Mas que mal te fiz eu, se estive contigo, que és meu marido?

ANFITRIÃO

Estiveste comigo, tu?! Mas já se viu um descaramento maior do que este? Se perdeste toda a vergonha, ao menos arranja-a emprestada!

ALCMENA

A acção de que me acusas é indigna da minha família. Se 820 procuras acusar-me de desonestade, é em vão que me acusas.

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Por todos os deuses! Tu, ao menos, conheces-me, Sósia?

SÓSIA

Mais ou menos!

ANFITRIÃO

Não é verdade que eu, ontem, jantei no navio, no porto Pérsico?

ALCMENA

Também eu tenho testemunhas que podem confirmar as minhas palavras.

SÓSIA

Não sei que dizer desta embrulhada; a menos que haja, talvez, um outro Anfitrião que, na tua ausência, olhe pelas tuas coisas, e, também na tua ausência, exerça aqui as suas funções...!

Se já era de ficar pasmado com a história do Sósia, meu substituto, não há dúvida, com a destoutro Anfitrião é mesmo de um tipo ficar maluco de todo!

ANFITRIÃO

Foi algum embusteiro que me enganou esta mulher.

825

830

ALCMENA

Juro-te pelo reino do rei supremo e por Juno, padroeira da família — que eu devo respeitar e temer acima de tudo —, que nenhum homem, a não ser tu, tocou com o seu corpo no meu corpo para atentar contra a minha honra.

ANFITRIÃO

Oxalá isso fosse verdade!

ALCMENA

835 Digo a verdade, sim! Mas inutilmente, pois que não acreditas em mim.

ANFITRIÃO

És mulher — em juramentos destemida!

ALCMENA

Toda aquela que não pecou deve ser destemida e defender a sua causa com confiança e desassombro.

ANFITRIÃO

Lá destemida à farta és tu!

ALCMENA

Como convém a uma mulher honesta!

ANFITRIÃO

Honrada, sim, mas de garganta!

ALCMENA

Não, eu não considero dote aquilo a que se costuma chamar dote, mas sim a castidade, o pudor, o domínio dos instintos, o temor aos deuses, o amor filial e a harmonia da família, o ser-te obediente, generosa para com os bons, útil às pessoas de bem.

840

SÓSIA

Ena! Esta aqui, se diz a verdade, é a pérola das mulheres!

ANFITRIÃO

Enleou-me de tal modo, que já nem sei quem sou!

SÓSIA

Tu és Anfitrião, evidentemente; tem cautela mas é em não perderes o domínio de ti mesmo, porque, desde o nosso regresso, 845 as pessoas andam para aí a transformar-se a todo o momento.

ANFITRIÃO

Mulher, estou decidido a não abandonar este assunto sem o ter esclarecido.

ALCMENA

Ora essa! Não fazes mais do que o meu desejo.

ANFITRIÃO

Olha cá, responde-me: e se eu for ao navio buscar o teu primo Náucrates, que fez a viagem na minha companhia; e se ele desmentir os factos que, segundo afirmas, se verificaram, que

850

castigo mereces tu? Opor-te-ás, porventura, à anulação do nosso casamento?

ALCMENA

Se for culpada, não me oporei.

ANFITRIÃO

Estamos entendidos. Tu, Sósia, leva-me esta gente para dentro. (*Aponta para os criados que o acompanham.*) Eu vou procurar Náucrates ao navio e trazê-lo para aqui comigo. (*Sai pela esquerda.*)

ACTO III

SÓSIA (*a Alcmena*)

CENA I

855 Agora que estamos sós, conta-me a verdade, a sério: está, por acaso, lá dentro, um outro Sósia que seja eu chapado?

ALCMENA

Fora daqui, digno criado de tal patrão!

SÓSIA

Cá vou, já que me ordenas. (*Entra em casa com os outros escravos.*)

ALCMENA

860 Estou espantada com a mania que deu ao meu marido de me acusar injustamente de um crime tão grave! Mas seja como for, não tarda que eu não conheça a verdade da boca de meu primo Náucrates. (*Entra em casa.*)

JÚPITER

Eu sou o Anfitrião que tem por escravo o Sósia, que se transforma em Mercúrio sempre que convém; moro no andar de cima (*aponta para o céu*) e, uma vez por outra, quando me apetece, transformo-me em Júpiter. Mas, mal aqui chego, logo me mudo em Anfitrião e troco de farpela. Vim para cá agora por amor de vocês, para não deixar esta comédia a meio.

Vim, também, em socorro de Alcmena, que Anfitrião, o marido, acusa injustamente de desonestade. É que eu seria bem culpado, se a falta, que eu cometí, recaísse sobre a inocente Alcmena. Por agora, como já antes fiz, vou fingir de Anfitrião e lançar a maior confusão nesta casa. Só depois porei tudo em pratos limpos e, no momento próprio, socorrerei Alcmena, e farei com que, num só parto, dê à luz, sem dor, o filho que concebeu do marido e o que concebeu de mim. Dei ordens a Mercúrio para que me seguisse imediatamente, não vá eu precisar dos seus serviços. Entretanto, vou falar a Alcmena.

865

870

875

880

CENA II

ALCMENA JÚPITER

ALCMENA (*saindo da casa, agitada e sem ver Júpiter*)

885 Não, não posso ficar mais nesta casa. Ver-me assim acusada de indignidade, de adultério, de infâmia pelo meu próprio marido! Clama que não é verdade o que se passou, lança-me em rosto factos que não se passaram e de que eu não sou culpada, e julga que eu hei-de ficar indiferente a tudo isso! Ah! Não me conformo, nem admito que me acusem injustamente de desonestade: ou o abandono ou exijo dele uma satisfação, e, além disso, um juramento solene de estar arrependido dos insultos que proferiu contra uma mulher inocente.

JÚPITER (*à parte*)

895 Tenho de fazer o que ela exige, se quero que ela torne a aceitar o meu amor. As minhas astúcias voltaram-se contra Anfítrio e, ainda há pouco, os meus amores causaram aborrecimentos ao inocente; agora, porém, será sobre mim, inocente, que a cólera do marido e os seus insultos contra a mulher irão recair.

ALCMENA

Mas estou a ver aquele que acusa a sua infeliz mulher de adultério, de infâmia!

JÚPITER (*à parte*)

Mulher, desejo falar contigo. Mas... porque me viraste as costas?

ALCMENA

900 Eu cá sou assim: detestei sempre encarar os meus inimigos!

JÚPITER

Eia! Os teus inimigos?

ALCMENA

Exactamente: os meus inimigos! A menos que te dê para insinuar que também isto, que disse, é falso!

JÚPITER (*aproximando-se de Alcmena e procurando abraçá-la*)

És irritável de mais!

ALCMENA (*esquivando-se*)

Não podes estar quieto com as mãos?! Decerto, se tivesses sentimentos ou algum tino, não falavas, nem a sério nem a brincar, com uma mulher que consideras e proclamas de desavergonhada. Ou, então, és o mais parvo de quantos parvos há!

905

JÚPITER

910 Se disse tal coisa, não é verdade, não! Nem eu acredito nisso. E, se voltei cá, foi para te apresentar as minhas desculpas. Pois nunca nada me custou mais que saber-te zangada comigo. «Mas porque me falaste assim?», perguntarás tu. Eu explico-te. Não foi, juro, por ter pensado que fosses desonesta, mas porque quis pôr à prova os teus sentimentos, a ver o que fazias e de que modo suportavas a situação. Palavra: o que te disse há pouco foi na brincadeira, foi só para reinar. E se não, pergunta a Sósia.

915

ALCMENA

Porque é que não trouxeste contigo o meu primo Náucrates?
Ainda há pouco dizias que o ias apresentar aqui como teste-
920 munha de não teres cá vindo antes!

JÚPITER

Simples brincadeira, que fazes mal em tomar a sério.

ALCMENA

Só eu sei o que isso me fez sofrer!

JÚPITER (*pegando na mão direita de Alcmena*)

Por esta mão que me é tão cara, Alcmena, peço-te e suplico-
-te, perdoa, desculpa, não estejas zangada.

ALCMENA

925 Os teus insultos já eu os desmenti com a minha conduta irre-
preensível. Mas, uma vez que eu sempre me abstive de actos
desonestos, não quero estar sujeita a palavras igualmente deso-
nestas. Adeus! Fica tu com o que é teu e dá-me o que me per-
tence. Queres dar ordem para me acompanharem?

JÚPITER

Mas estarás tu boa da cabeça?!

ALCMENA

930 Se me não mandas acompanhar, vou eu sozinha: levarei a
Castidade por companheira.

JÚPITER

Espera. Juro, por tudo o que quiseres, que te tenho na conta
da mais virtuosa das esposas. Se estou a mentir, então ó...
supremo Júpiter, peço-te que faças recair, para sempre, a tua
cólera sobre... Anfitrião!

ALCMENA (*reconciliada*)

Ah, não! Que te seja, antes, propício!

935

JÚPITER

Assim o espero... É que o juramento que fiz na tua presença
é sincero! Mas já não estás zangada?

ALCMENA

Não!

JÚPITER

Ora ainda bem! É que na vida de uma pessoa dão-se muitos
casos como este: aos prazeres sucedem-se as desgraças; às zangas
as pazes. Mas se, por acaso, entre duas pessoas que se amam
ocorrem zangas como esta, uma vez feitas as pazes, redobra o seu
amor.

940

ALCMENA

Melhor fora que tivesses começado por evitar os insultos.
Mas, já que me pediste desculpa, devo esquecer tudo.

945

JÚPITER

Manda-me preparar os vasos sagrados, para eu cumprir
todos os votos que fiz na guerra, se regressasse a casa sã e salvo.

ALCMENA

Vou já tratar disso.

JÚPITER (*falando para dentro de casa*)

950 Mandem-me cá Sósia: ele que vá convidar Blefarão, o piloto do meu navio, para comer connosco. (*À parte.*) Ele há-de comer mas é uma figa! E já estou a ver a cara do tipo, quando eu agarrar em Anfítrião pelo pESCOÇO e o puser a mexer daqui para fora.

ALCMENA (*à parte*)

955 Estranho! que estará ele para ali sozinho a resmungar em segredo?! Mas estão a abrir a porta. É Sósia que vem a sair.

CENA III

SÓSIA

JÚPITER

ALCMENA

SÓSIA (*saindo de casa*)

Aqui estou, Anfítrião: se é preciso alguma coisa, manda, que eu obedeço.

JÚPITER

Sósia, vens mesmo a propósito.

SÓSIA

Mas... vocês dois já fizeram as pazes? Vê-los calmos, a ambos, é para mim uma alegria e um prazer. Ao que parece, é

assim que um criado bem-educado deve proceder: conforme estiverem os patrões, assim ele deve estar; que ele regule a cara pela cara deles: esteja triste, se os patrões estiverem tristes; prazenteiro, se eles estiverem alegres. Mas, anda lá, responde-me: vocês já estão reconciliados?

960

JÚPITER

Estás a fazer troça ou quê?! Sabes bem que o que disse há pouco foi só por brincadeira.

SÓSIA

Por brincadeira?! E eu que pensei que era mesmo a sério!

JÚPITER

Apresentei as minhas desculpas: fizeram-se as pazes.

965

SÓSIA

Bestial!

JÚPITER

Eu vou, aqui dentro, fazer os sacrifícios, cumprir os votos que formulei.

SÓSIA

Está bem!

JÚPITER

E tu vai ao navio, convidar, em meu nome, o nosso piloto Blefarão para almoçar comigo, depois dos sacrifícios.

SÓSIA

Estarei de volta, quando pensares que ainda lá estou.

JÚPITER

Volta depressa. (*Sósia sai pela esquerda.*)

ALCMENA

970 Precisas de mim ou posso ir para dentro, fazer os preparativos necessários?

JÚPITER

Vai, vai; e faz os possíveis para que tudo esteja a postos.

ALCMENA

Podes entrar, quando quiseres. Prometo-te que não terás de esperar.

JÚPITER

975 Isso é que é falar bem e como convém a uma mulher zelosa. (*Alcmena entra em casa.*) Já são dois a cair na esparrela: o criado e a patroa! Ambos pensam que eu sou Anfítrião, mas enganam-se redondamente. Agora tu, divino Sósia, faz por me ajudares. Tu estás a ouvir-me bem, apesar de não estares ao pé de mim. Trata de afastar de casa Anfítrião, quando chegar. Inventa os meios que quiseres. Quero que o mistifiques, enquanto me divirto com esta minha esposa em usufruto. Vamos: olha por tudo isto, sobretudo por saberes que é essa a minha vontade, e assiste-me, enquanto ofereço o sacrifício a mim próprio! (*Entra em casa.*)

CENA IV

MERCÚRIO (*Entrando pela esquerda a correr*)

Afastem-se, arredem-se todos, saiam-me do caminho! ⁽²²⁾ Nem possa haver homem tão atrevido que me estorve a passagem! Pois quê?! Ameaçar a populaça, se não se afastar, havia de ser menos lícito a mim, que sou um deus, que a qualquer criadinho de comédia?! Um desses corre a anunciar que o navio arribou a salvo ou a chegada do velho numa fúria: ao passo que eu estou a cumprir as ordens de Júpiter. Se venho para aqui, é por seu mandado. Por isso, tenho mais direito a que me saiam da frente e se afastem. Meu pai está a chamar por mim; eu corro, pronto a obedecer às suas ordens. Assim como um bom filho deve pro-ceder para com o pai, assim eu procedo para com o meu. Assis-to-o nos seus amores, encorajo-o, estou ao seu lado, dou-lhe os meus conselhos, partilho das suas alegrias. Se anda de amores, ele lá sabe: faz muito bem em ceder aos seus instintos. Toda a gente devia fazer o mesmo, mas sem prejudicar ninguém. Agora, meu pai quer que eu engane Anfítrião: é exactamente o que vou fazer. Ele há-de ser enganado aqui, na vossa presença, espec-tadores. Vou pôr uma coroa na cabeça ⁽²³⁾ e fingir que estou com os copos. Subo lá para cima (*aponta para o telhado da casa*) e de lá, do alto, poderei, às mil maravilhas, enxotar o nosso homem, quando se aproximar de casa. Vou fazer com que ele se embe-be-de sem beber. Depois quem as vai pagar logo há-de ser o escravo Sósia. O patrão torná-lo-á responsável por todas as patifarias que eu aqui fizer. E a mim que se me dá?! Devo obediência a meu pai; o meu dever é secundá-lo nos seus caprichos. Mas ali vem Anfítrião. Não tarda que ele não seja aqui bem ludibriado, se vocês estiverem dispostos a prestar atenção. Vou mas é para dentro, enfiar o trajo que mais me convém. Depois, subo para o telhado, para de lá lhe impedir a passagem. (*Entra em casa.*)

985

990

995

1000

1005

CENA V

ANFITRIÃO (*entrando pela esquerda*)

Náucrates, que eu tanto desejava encontrar, não estava no navio; e nem em casa, nem na cidade consigo dar com alguém

1010

que o tenha visto. Percorri todas as praças, ginásios e perfumarias; nas lojas, no mercado, na palestra, no foro, nos médicos, nas barbearias, em todos os templos me esfaltei a procurá-lo... de
1015 Náucrates nem sombra! Agora vou mas é para casa. Quero continuar com o inquérito, até que a minha mulher me deslinde quem foi o tipo por quem ela se cobriu de infâmia. Antes morrer do que deixar esta pergunta sem resposta. Mas a casa está fechada! Tanto melhor! As coisas estão a jogar umas com as outras! Vou bater (*pontapés na porta*). Abram lá isso! Pst! Está cá alguém?
1020 Quem é que me abre a porta?

CENA VI

MERCÚRIO ANFITRIÃO

MERCÚRIO (*do telhado*)

Quem é?

ANFITRIÃO

Sou eu.

MERCÚRIO

Eu, quem?

ANFITRIÃO

Quem há-de ser: eu!

MERCÚRIO

Por certo, Júpiter e o céu inteiro vêm atrás de ti numa fúria, para assim nos espatifares a porta!

ANFITRIÃO

Que queres tu dizer com isso?

MERCÚRIO

Que hás-de ser toda a vida um desgraçado.

ANFITRIÃO (*admirado e ameaçador*)

Sósia!

MERCÚRIO

Sim, sou eu, ou pensas que me esqueci?! E tu que queres? 1025

ANFITRIÃO

Ah, malvado! Tu ainda me perguntas o que quero??!

MERCÚRIO

Pergunto, pois: por pouco que não fizeste saltar os gonzos à porta, imbecil! Pensas tu que é o Estado que no-las fornece, ou quê?! Porque é que estás a olhar para mim, lorpa? Que queres? Mas quem és tu?

ANFITRIÃO

Ah, patife, ainda me perguntas quem sou, meu cemitério de pauladas? Juro que, por essas insolências, ainda hoje te hei-de 1030 aquecer as costas com o cacete.

MERCÚRIO

Deves ter sido um mãos-rotas, na tua mocidade...!

ANFITRIÃO

Porquê?!

MERCÚRIO

Porque, na velhice, me vens mendigar... uma coça!

ANFITRIÃO

Estás a arranjar lenha para te queimares com as palavras que vomitas, meu velhaco.

MERCÚRIO

Pois eu vou oferecer-te um sacrifício...!

ANFITRIÃO

O quê?!

MERCÚRIO

Sim, vou consagrar-te uma... sova! (24)

(*Lacuna*)

FRAGMENTOS

I ANFITRIÃO

E eu vou consagrar-te uma cruz e um carrasco, meu patife!

II MERCÚRIO

O meu amo Anfitrião está ocupado.

III MERCÚRIO

Tens ainda uma excelente ocasião para te piores a mexer.

IV MERCÚRIO

Há muito boas razões para te quebrar na cabeça uma panela de cinzas.

V MERCÚRIO

Não me peças que te despeje na cabeça um penico cheio de água.

VI MERCÚRIO

Estás possesso. Pobre homem! Vai mas é procurar um médico!

VII ALCMENA

Mas tu juraste-me que tinhas dito isso na brincadeira.

VIII ALCMENA

Por favor, manda que te tratem desse mal, enquanto está no começo: decerto, estás possesso ou delirante.

IX ALCMENA

Se as coisas se não passaram como te afirmo, não me oponho a que me acuses de infidelidade.

X ANFITRIÃO

... uma mulher que, na minha ausência, andou a oferecer o corpo a toda a gente.

XI ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Que me ameaçavas tu de fazer, se eu tivesse insistido em bater à porta?

XII ANFITRIÃO

Lá, hás-de abrir covas, mais de sessenta por dia.

XIII ANFITRIÃO (*a Blefarão*)

Não intercedas por este malvado.

XIV BLEFARÃO

Poupa mas é o fôlego!

XV JÚPITER

Apanhei-o em flagrante; eu agarro nele e torço-lhe o pescoço. Ladrão! Sedutor!

XVI ANFITRIÃO

Eu é que lho torço, cidadãos de Tebas, a essa montureira de desonra, que, em minha própria casa, cobriu minha mulher de ignomínia.

XVII ANFITRIÃO

Não tens vergonha de te apresentares em público, malvado?

XVIII ANFITRIÃO

Às escondidas.

XIX JÚPITER ou ANFITRIÃO (*a Blefarão*)

...pois não és capaz de distinguir qual de nós dois é Anfitrião.

XX ANFITRIÃO

O quê?! Não te conheço, meu escriturário de marinha, meu grandessíssimo desavergonhado!

ACTO IV

CENA FINAL

BLEFARÃO ANFITRIÃO JÚPITER

BLEFARÃO

Resolvam lá isso entre vocês dois: eu vou-me mas é daqui, 1035
pois tenho mais que fazer. Nunca por nunca ser, eu vi, creio bem,
uma coisa tão estranha!

ANFITRIÃO

Blefarão, por favor, fica cá para me defenderes; não te vás
embora.

BLEFARÃO

Adeusinho. Como é que eu sou preciso como defensor, se
não sei a qual dos dois hei-de eu defender? (*Sai.*)

JÚPITER (*à parte*)

Eu vou mas é lá para dentro. Alcmena está para dar á luz.
(*Entra em casa.*)

ANFITRIÃO

1040 Ai de mim, que estou perdido! Que hei-de eu fazer, se os amigos me abandonam e me recusam o seu auxílio? Mas, palavra, não há-de ser esse tipo seja lá ele quem for, que tornará a fazer troça de mim impunemente. Vou já a direito ter com o rei e contar-lhe tudo o que se passou. Juro que, hoje mesmo, me hei-de vingar desse bruxo da Tessália (25) que maldosamente deu volta
1045 à cabeça de toda a minha gente. Mas onde se meteu ele? Oh! Foi para dentro, para junto de minha mulher, creio bem! Haverá, em Tebas, alguém mais desgraçado do que eu? Que hei-de fazer agora? Toda a gente me ignora e faz troça de mim a seu bel-prazer. Estou decidido: entro em casa à viva força e todo aquele que eu apanhar pela frente, criada ou criado, minha mulher ou o
1050 amante, meu pai ou meu avô, assim que os vir, faço-os ali mesmo às postas! Nem Júpiter, nem toda a corte celeste me impedirão, ainda que o queiram, de fazer como resolvi. Lá para dentro, já. (*No momento em que Anfitrião corre em direcção à porta de casa, ouve-se o ribombar de um trovão; Anfitrião cai por terra sem sentidos.*)

ACTO V

CENA I

BRÓMIA ANFITRIÃO

BRÓMIA (*saindo precipitadamente de casa; sem ver Anfitrião*)

Esperanças e possibilidades da minha vida jazem todas sepultadas no meu peito, e não há firmeza de alma que eu já não tenha perdido. Sim! Parece que tudo, mar, terra, céu, me persegue para me esmagar, para me aniquilar. Pobre de mim! Não sei que hei-de fazer. Tão grandes foram os prodígios que aconteceram cá em casa! Ai que desgraça a minha! Sinto-me desfalecer: por favor, dêem-me água! Estou despedaçada, consumida. Dói-me a cabeça: não ouço, nem vejo bem. Não há, nem pode haver mulher mais desgraçada do que eu. As coisas que aconteceram à minha ama! Ao chegarem-lhe as dores, invoca os deuses em seu auxílio, mas eis que se ouvem estrondos, estalidos, estrépitos, trovões. E que súbitos, que próximos, que fortes! Àquele fragor, cada um de nós caiu ali mesmo por terra. Então, não sei quem brada com voz ensurcedora: «Alcmena, aqui está o socorro,

1065 não tenhas receio. É um habitante do céu que chega, propício a ti e aos teus. Levantai-vos — continuou ele — vós que, perante o meu terrível poder, caístes de medo por terra.»

Eu, que tinha caído, levanto-me. Pensei, então, que a casa toda estava a arder, de tal modo ela resplandecia! Nisto, Alcmena começa a gritar por mim; só faltava mais esta para me encher de medo! Mas o receio pela minha patroa passa à frente; acorro a saber o que deseja; e que vejo?! Ela dera à luz dois rapazes. Nenhum de nós dera conta do parto, nem sequer o tinha pres-
1070 sentido. (*Vendo o vulto de Anfítrião caído por terra.*) Mas que é isto?! Quem é este ancião assim caído por terra diante de nossa casa? Será que Júpiter o fulminou?! Creio bem que sim! Céus ! 1075 Está estendido como um morto. Vou ver se sei quem é. (*Ergue o manto que cobre o rosto de Anfítrião.*) Mas é Anfítrião, o meu amo! (*Sacode-o.*) Anfítrião!

ANFÍTRIÃO (*voltando a si*)

Estou liquidado!

BRÓMIA

Levanta-te!

ANFÍTRIÃO

Estou morto!

BRÓMIA

Dá cá a mão!

ANFÍTRIÃO

Quem me está a agarrar?

BRÓMIA

Brómia, a tua criada.

ANFÍTRIÃO

Estou todo a tremer. Júpiter fulminou-me! É como se regres-
sasse do outro mundo. Mas tu, porque vieste cá para fora?

BRÓMIA

É que esse mesmo susto se converteu para nós num ímpeto
de terror. Que prodígios tão extraordinários eu vi em tua casa! 1080
Ai de mim, Anfítrião! Neste momento, ainda estou sem
pinga de sangue!

ANFÍTRIÃO

Vamos, esclarece-me cá uma coisa: tens a certeza de que eu
sou o teu amo Anfítrião?

BRÓMIA

Tenho.

ANFÍTRIÃO

Vê lá bem.

BRÓMIA

Tenho, pois!

ANFÍTRIÃO

Da minha gente, é esta a única que está no seu perfeito juízo.

BRÓMIA

Mas olha que todos os outros também estão: podes ter a certeza.

ANFITRIÃO

Eu, não! Minha mulher fez-mo perder com a sua conduta infame.

BRÓMIA

1085 Mas eu vou já fazer com que mudes de parecer, Anfitrião: fica ciente que a tua mulher é fiel e honesta. Dar-te-ei provas evidentes disso em duas palavras. Primeiro que tudo, Alcmena deu á luz um par de gémeos.

ANFITRIÃO

Que dizes tu?! Gêmeos?!

BRÓMIA

Sim, gémeos.

ANFITRIÃO

O céu me protege!

BRÓMIA

1090 Deixa-me falar, e verás que tanto a ti como a tua mulher os deuses todos são propícios.

ANFITRIÃO

Fala.

BRÓMIA

Há pouco, a tua mulher, mal entrou em trabalhos de parto e as primeiras dores se fizeram sentir, pôs-se a invocar o auxílio do céu, como fazem, em geral, as parturientes, de mãos lavadas e de cabeça coberta. Mas eis que, subitamente, ribomba um trovão com ruído ensurdecedor. Logo pensámos que a tua casa vinha 1095 abaixou; toda ela resplandecia, como se fosse de ouro.

ANFITRIÃO

Por favor, acaba lá com isso: já basta de tanta troça. E depois?

BRÓMIA

Enquanto isto se passa, nenhum de nós ouviu tua mulher a gemer ou a gritar: teve, certamente, um parto sem dor.

1100

ANFITRIÃO

Muito folgo, apesar do que ela me fez.

BRÓMIA

Deixa lá isso e escuta o fim da história. Depois do parto, ela ordenou-nos que lavássemos as crianças. Assim fizemos. Mas o menino que eu lavei, oh!, como era grande e forte! Ninguém foi capaz de lhe apertar as fraldas.

ANFITRIÃO

Mas é mesmo um prodígio o que tu me contas! Se isso é verdade, não duvido de que minha mulher recebeu assistência divina.

BRÓMIA

Já vais ficar ainda mais admirado. Uma vez no berço, eis que, do alto do tecto, se lançam em voo para o implúvio duas serpentes com crista⁽²⁶⁾, enormes.

ANFITRIÃO

Ai de mim!

BRÓMIA

1110 Não tenhas receio. Neste meio tempo, as serpentes olham para toda a gente em redor. Assim que dão com os olhos nos meninos, arremetem velozes para o berço. Eu a arrastar, a levar o berço sempre mais para trás, receando pelas crianças e assustada por mim própria; e as serpentes sempre a perseguir-nos mais e mais encarniçadas. Mas, apenas enxergou as serpentes, o menino
1115 mais robusto salta ligeiro do berço, precipita-se a direito contra elas. Num abrir e fechar de olhos tinha-as agarradas, uma em cada mão!

ANFITRIÃO

Mas é mesmo um prodígio o que me contas! São de causar calafrios as tuas palavras! Ai de mim! De ouvir-te, todo eu estou a tremer de medo! E depois, que aconteceu? Conta depressa.

BRÓMIA

O menino estrangula-as a ambas. Entrementes, com uma
1120 voz sonora, chama por tua mulher...

ANFITRIÃO

Mas quem?!

BRÓMIA

... o senhor supremo dos deuses e dos homens, Júpiter. Disse que tivera relações clandestinas com Alcmena e que o menino, que vencera as serpentes, era seu filho; o outro, que era teu.

ANFITRIÃO

Bom! Não me desagrada nada saber que dos meus haveres
me é dado partilhar metade com Júpiter. Volta para casa; manda-me preparar imediatamente os vasos sagrados: desejo, com numerosas vítimas, apaziguar-me com Júpiter, todo poderoso.
(Brómia entra em casa.) Quanto a mim, vou mandar chamar o adivinho Tirésias e consultá-lo sobre o que há a fazer; ao mesmo tempo, contar-lhe-ei tudo o que se passou. (Ouve-se um novo trovão.) Mas que é isto? Que forte trovão! Céus, imploro a vossa
1125 1130 protecção!

CENA II

JÚPITER ANFITRIÃO

JÚPITER (*do alto de uma nuvem*)

Sossega, Anfitrião: estou aqui para te auxiliar, e bem assim a todos os teus. Nada tens que recear. Adivinhos e arúspices, manda-os todos passear: o passado e o futuro, eu vos direi muito melhor do que eles, visto que sou Júpiter. Em primeiro lugar, sabe que recebi os favores de Alcmena e dessa união ela ficou grávida de um filho meu. Teu era já o filho que ela trazia no ventre, quando foste para a guerra: de um só parto ela deu à luz os dois ao mesmo tempo. Um deles o que foi concebido do meu sangue, cobrir-te-á de imortal glória com os seus feitos.⁽²⁷⁾ Quanto
1135 1140 a ti, regressa à harmonia de outrora com Alcmena: ela não merece

que a recriminem; o que ela fez, fui eu quem a obrigou a isso.
Agora, volto para o céu. (*Desaparece.*)

ANFITRIÃO

1145 Cumprirei as tuas ordens e peço-te que, em troca, mantenhas
as tuas promessas. Vou para dentro, para junto de minha mulher;
o velho Tirésias pode ir à sua vida! Entretanto, espectadores, em
atenção a Júpiter supremo, força!, batam palmas.

{

NOTAS

(¹) Filho de Zeus/Júpiter e de Maia, Hermes/Mercúrio alude, neste passo, a duas das suas principais funções: a de mensageiro dos deuses e a de protector do comércio (e dos ladrões): cf. Luciano, Θεῶν διδάσκαλοι, 7 e 24.

(²) Zeus/Júpiter, dado aqui como filho de pais humanos — referência ao actor, que não à divindade —, era, segundo a mitologia grega, filho de Cronos e de sua irmã e esposa Reia.

(³) Note-se neste verso (33) e seguintes o jogo de palavras *justa... justo, justamente... justa... injustiças... justo, ... justiça ... injustos ... justiça*, muito do agrado de Plauto (cf. vv. 172-174, 247 e 278; e ainda *Miles gloriosus* (*O soldado fanfarrão*), vv. 436-438).

(⁴) Provável alusão a uma peça em que Júpiter surgia em cena como um *deus ex machina*.

(⁵) Exemplo de anacronismo intencional. De facto, a acção da comédia, que, em princípio, decorre nos tempos heróicos da gestação e nascimento de Hércules, é transposta para a Roma de Plauto, com a simples alusão aos *tresuiri* ‘triúnviros encarregados do policiamento das ruas da Cidade e do serviço das prisões’.

O anacronismo tem sido, e continuará a ser, uma fonte inesgotável de cômico fácil. Entre os inúmeros exemplos que poderíamos citar, recordaremos apenas um muito recente: o da série da televisão britânica *Up Pompeii!* («Viva Pompeios!»), condensada num filme que passou entre nós com o mesmo título (vide infra n. 15).

(⁶) No original, *ad flagrum*. Note-se que, em português, o verbo *malhar* e o deverbal *malha*, além de exprimirem a acção de debulhar com o mangual, são vulgarmente usados com o sentido de «sovar» e «dar (ou apanhar) uma sova».

(⁷) Alusão cómica à prisão.

ALCMENA

715 Mas juro-te que ontem, quando chegaste, eu te dei logo as boas-vindas, de certeza, e até te perguntei, também, se tinhas passado bem de saúde, querido, e peguei-te na mão e dei-te um beijo.

SÓSIA

Tu deste-lhe as boas-vindas, ontem?!

ALCMENA

E a ti, também, Sóssia.

SÓSIA

Anfitrião, sempre esperei que esta aqui te desse um filho. Mas não é de uma criança que ela está prenhe, não!

ANFITRIÃO

Então de que é?!

SÓSIA

De loucura!

ALCMENA

720 Não, não estou louca; e peço aos céus que me dêem uma boa hora. (a Sóssia) Mas tu vais-me apanhar uma valente sova, ai vais!, se Anfitrião proceder como deve. Deste agoiro, meu agorento, colherás o fruto que mereces!

SÓSIA (*fazendo o gesto de quem bate*)

Ora! A uma mulher grávida é que convém dar uma grande so...rva (19), para ter onde morder, quando começar com as dores do parto.

ANFITRIÃO (*a Alcmena*)

Mas tu ontem viste-me cá?!

725

ALCMENA

Vi, sim! Queres que to repita uma dezena de vezes?!

ANFITRIÃO

Em sonhos, talvez?!

ALCMENA

Qual quê?! Estava bem acordada; e tu também.

ANFITRIÃO

Ai, que desgraça a minha!

SÓSIA

Que tens tu?

ANFITRIÃO

A minha mulher está maluca!

ALCMENA

Justos céus! Estou bem acordada; e é acordada que digo o que se passou: ainda há pouco, antes de amanhecer, vos vi, a ti e a esse.

ANFITRIÃO

Mas onde?

ALCMENA

700 Aqui, em tua própria casa.

ANFITRIÃO

É impossível!

SÓSIA (*a Anfitrião*)

Caluda! E se o navio nos transportou do porto para aqui e nós a dormir?!

ANFITRIÃO

Também tu dizes com ela?!

SÓSIA

705 E o que queres tu que eu faça? Não sabes que, se pretenderes hostilizar uma bacante em Bacanal, de maluca a fazes mais maluca, e que os murros choverão sobre ti?! Mas se condescenderes, pode ser que resolvás o caso com um soco apenas.

ANFITRIÃO

Ah, não! Tenho de a castigar, lá isso é que tenho. Recusar-se a cumprimentar-me, agora que regressei a casa!

SÓSIA

Vais-te meter num vespeiro!

ANFITRIÃO (*a Sósia*)

Cala-te! (*Voltando-se para Alcmena.*) Alcmena, quero fazer-te uma única pergunta.

ALCMENA

Pergunta o que quiseres.

ANFITRIÃO

Tu não estás louca, nem o orgulho te subiu à cabeça, pois não?!

ALCMENA

Mas que lembrança foi essa a tua de me fazeres uma tal 710 pergunta, homem?!

ANFITRIÃO

É que dantes tinhas por hábito dar-me as boas-vindas à minha chegada, e também vir falar-me, como costumam falar as mulheres de bem a seus maridos. Ora, ao chegar a casa, descubro que perdeste esse hábito.

SÓSIA (*à parte*)

680 Ânsia maior é que eu nunca vi! Este marido tão ansiado não tem melhor acolhimento do que um cão!

ANFITRIÃO

Que alegria eu sinto ao ver que a tua gravidez tem corrido bem!

ALCMENA

Céus! Diz-me, por favor, porque é que estás a troçar de mim?! Cumprimentas-me e falas para mim como se me não tivesses visto ainda há pouco; como se, só agora, regressasses da guerra a casa! Pelo que dizes, até parece que me não vês há muito tempo!

ANFITRIÃO

Mas é que eu, de certeza, não te vi mais, a não ser agora mesmo!

ALCMENA

Mas porque é que estás a negar?!

ANFITRIÃO

Porque me ensinaram a dizer sempre a verdade.

ALCMENA

Mal vai quando se desaprende o que se aprendeu! Ou estarão vocês dois a pôr à prova os sentimentos que me vão na alma?

Mas qual a razão deste vosso súbito regresso? Foi um mau agoiro que te deteve, ou o mau tempo que te impediu de regressares para junto das tuas tropas, como ainda há pouco me dizias? 690

ANFITRIÃO

Ainda há pouco?! Mas que história é essa de «ainda há pouco»?!

ALCMENA

Lá estás tu a experimentar-me: ainda há pouco, há um pedaço.

ANFITRIÃO

Mas, por favor, como é que é possível isso que estás para aí a dizer: ainda há pouco, há um pedaço?

ALCMENA

Mas que estás tu a julgar? Que eu te esteja a enganar, quando és tu o mentiroso, tu que dizes ter agora aqui chegado pela primeira vez, quando não há muito que daqui te foste?!

ANFITRIÃO (*a Sózia*)

Esta aqui está a delirar, de certeza!

SÓSIA

Espera um pouco: deixa-a dormir de uma assentada até ao fim.

ANFITRIÃO

Mas ela está a sonhar acordada!

SÓSIA (*ao ver Alcmena de ventre muito volumoso*)

Anfítrião, o melhor é voltarmos para o navio!

ANFITRIÃO

Porquê?

SÓSIA

665 Porque aqui, em casa, ninguém nos há-de dar de comer, à nossa chegada.

ANFITRIÃO

Mas que ideia é essa agora?!

SÓSIA

É que chegámos tarde demais.

ANFITRIÃO

Porquê?!

SÓSIA (*apontando para Alcmena*)

Porque estou a ver Alcmena, à porta, de barriga cheia.

ANFITRIÃO

Eu cá deixei-a grávida, quando parti.

SÓSIA

Ai, pobre de mim: era só o que me faltava!

ANFITRIÃO

Que tens tu lá?

SÓSIA

É que volto a casa mesmo a tempo para acatar a água (¹⁸),
ao fim dos nove meses, a avaliar pelas tuas contas.

670

ANFITRIÃO

Tem calma!

SÓSIA

Calma, eu? Já vais ver! Em eu pegando no balde, não darás,
de ora avante, mais crédito aos meus juramentos, se eu parar sem
ter sacado, cá para fora, a alma toda àquele poço.

ANFITRIÃO

Anda daí! Eu encarrego outro dessa tarefa, está descansado!

ALCMENA (*à parte*)

Acho que não faço mais do que o meu dever, se for ao seu 675
encontro.

ANFITRIÃO (*aproximando-se de Alcmena*)

Anfítrião cumprimenta com alegria a sua almejada consorte,
aquela que ele considera a melhor de todas as mulheres de Tebas,
e que até os Tebanos tanto exaltam pela sua virtude. Tens pas-
sado sempre bem? Ansiavas pelo meu regresso?

(8) Cf. *Iliada*, I, vv. 12-15:

«Este [o sacerdote Crises] veio até às naus velozes dos Aqueus, a fim de libertar a filha, trazendo um enorme resgate, e, na mão, as fitas de Apolo, que atira ao longe, enrolados no ceptro de ouro, E dirigiu súplicas a todos os Aqueus.»

(Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira, in *Hélade*. Coimbra, 1990, p.1.)

(9) Vide supra n. 3.

(10) É bem conhecido o facto de os Romanos, pouco imaginativos em matéria de onomástica (ao contrário dos Gregos), terem usado frequentemente os numerais ordinais para formar nomes próprios: *Primus*, *Secundus*, *Tertius*, *Quartus*, etc.

(11) Este equívoco entre o *não sei quem* da fala de Mercúrio e o *Não-sei-quem* do aparte de Sósia traz-nos à lembrança o conhecido passo da *Odisseia* (IX, vv. 366 sqq.), em que Polifemo, cegado pelo ardiloso Ulisses, que dissera chamar-se *Ninguém*, clama pelo auxílio dos outros Ciclopes:

«— Que aflição é essa, Polifemo, que tanto te faz gritar,
na noite divina, e do sono nos despertas?
.....
— Ó amigos, por astúcia, não por violência, Ninguém me mata.
.....
— Pois se sozinho estás e ninguém te faz violência,
de todo inevitável é o mal que o grande Zeus te envia.»
(vv. 403-411)

(12) No original, *qui Vulcanum in cornu conclusum geris* «tu que trazes Vulcano (= lume; fogo, por metonímia) aferrolhado no corno».

Como a cena se passa antes do alvorecer, Sósia é portador de uma lanterna de azeite (cf. vv. 149 e 406), feita de chifre.

Ao traduzirmos *in cornu* por «na corna», procurámos uma certa ambiguidade cómica, por quanto o vocábulo português pode significar «chifre de boi para conter líquidos» e «cornadura» (neste último sentido aplicado também a pessoas: «Fulano caiu e partiu a corna»).

Poderemos, pois, imaginar facilmente a cena: graças à ilusão cénica, a escuridão é profunda; Sósia, amedrontado, aproxima-se de casa cautelosamente, com a lanterna à altura da cabeça, o que justifica a ambiguidade cómica da pergunta de Mercúrio.

(13) Há, nestas duas falas, um evidente equívoco cómico. De facto, o verbo latino *comprimere* significa «refrear; dar cabo de» (sentido em que Mercúrio primeiro o emprega) e «violar; praticar o acto sexual» (interpretação que Sósia lhe dá).

(14) Procurámos, deste modo, traduzir o latim *lumbifragium* (de *lumbus* «costas; lombo» e *frangere* «quebrar»), termo forjado por Plauto a partir de *naufragium*.

(15) Em Roma, a tonsura e o enfiar, na cabeça, do barrete dos homens livres faziam parte da cerimónia (*manumissio*), após a qual o escravo alcan-

çava a liberdade (cf. *Miles gloriosus*, v. 961, onde se refere um outro modo de *manumissio*, que consistia em o dono de um escravo lhe tocar com uma varinha — *festuca* — na presença do pretor).

Uma vez mais, Plauto introduz uma prática characteristicamente romana numa peça em que a cena e as personagens são, por assim dizer, todas gregas (vide supra n. 5).

(16) Alusão à esposa de Zeus/Júpiter, a ciumenta Hera/Juno.

Recorde-se que a esta deusa era consagrado o pavão, que na cauda tinha representados os inúmeros olhos com que ela procurava descobrir os frequentes amores extraconjugalas do marido; cf. Luciano, *Θεῶν διάλογοι*, 3, 5 e 9, Ζεὺς τρομηδός, 2, Εὐάλιοι διάλογοι, 7 e 10.

(17) Expressão proverbial, frequente na comédia plautina: cf., p. ex., Plauto, *Miles gloriosus*, v. 240: *tam similem quam lacte lacti est* «são tão parecidas uma com a outra como duas gotas de leite»; *Mnaecmi*, vv. 1089-1090: *neque aqua aquae nec lacte est lactis, crede mi, usquam similis quam huic tui est, tuque huius autem* «duas gotas de água ou duas gotas de leite não se parecem mais entre si, acredita-me, do que vocês dois».

(18) A água necessária durante o parto.

(19) Procurámos, deste modo (*sova... sorva* «fruto da sorveira»), traduzir a paronomásia *málum* «sova» (v. 721) e *málum* «maçã» (v. 723) existente no original latino.

(20) Equívoco muito ao gosto de Plauto. Cf. *Miles gloriosus*, v. 286:

«CÉLEDRO
Que um raio te parta!
PALESTRIÃO
É a ti que... já que começaste, compete continuar.»

(21) É sabido que os Romanos comiam reclinados em leitos (cf. *triclinium* «leito de mesa para três pessoas; sala de jantar»), segundo um costume importado da Grécia (cf. Valério Máximo, II, 1, 2).

(22) Esta entrada de Mercúrio, na figura do escravo Sósia, em correria desenfreada e bradando ao público para que se afaste (*seruus currens*), é característica da comédia grega, desde Aristófanes (Comédia Antiga) até Menandro (Comédia Nova):

(23) Como se viesse de um banquete. Cf. Maria Teresa Schiappa de Azevedo, in Platão, *O Banquete*, p. 85 e n. 131, Lisboa, Edições 70, col. «Clássicos Gregos e Latinos» n.º 6.

(24) Entre este verso (1034) e o 1035 existe uma lacuna de cerca de 300 versos (272, segundo L. Havet), motivada pelo desaparecimento de um caderno (talvez o quinto) no arquétipo dos manuscritos subsistentes, e que abrange o final do Acto III e quase todo o Acto IV. Da parte desaparecida, apenas se salvaram os fragmentos, que traduzimos, numerados de I-XX, graças a citações de gramáticos, em especial Nónio. A ordem dos fragmentos é a que tem sido adoptada por editores modernos, como Leo, Lindsay, Ernout e Paratore. Contudo, ela é discutível, por quanto as fontes que no-los transmitiram nada nos dizem acerca da sua localização na comédia, bem como das personagens e das cenas a que eles pertenciam. O último fragmento foi atribuído a Plauto por Festo (168,8), sem referir o nome da comédia de que fazia parte. Loewe-Goetz consideram-no como pertencente ao *Amphitruo*; Lindsay rejeita-o; Ernout coloca-o entre parênteses rectos.

Com base na ordem dos fragmentos adoptada, é possível reconstituir as linhas gerais da acção no que respeita à parte desaparecida. Contudo, segundo a opinião de A. Ernout (*op. cit.*, p. 10), o dano não foi grande, pois, nas três centenas de versos desaparecidos, nada mais havia do que «une parade clownesque, destinée à la partie la plus grossière du public, qui s'esclaffait à voir Jupiter, Mercure et Amphitryon s'empoigner comme des porte-faix». Vide E. Paratore, *op. cit.*, p. 122; Elaine Fantham, «Towards a dramatic reconstruction of the fourth act of Plautus'Amphitruo», *Philologus* 117, 2 (1973), 197-214.

Fr. I: parece ser a resposta de Anfítrião à fala de Mercúrio que antecede o inicio da lacuna.

Frr. II-X: o barulho da altercação entre Mercúrio e Anfítrião faz acorrer Alcmena, a quem o marido acusa de infidelidade. Alcmena, embora duvide da saúde mental de Anfítrião, defende-se com dignidade, segura que está da sua inocência. Perante a insistência do marido, Alcmena retira-se para casa e fecha-lhe a porta na cara (*fim do Acto III?*).

Frr. XI-XIV: no inicio (?) do Acto IV, Anfítrião encontra-se com Blefarão e Sósia. Sobre este faz desabar toda a sua ira, acusando-o de o não ter deixado entrar em casa e, para mais, de o ter insultado do telhado da casa; chega mesmo a ameaçá-lo de o castigar com trabalhos forçados. Blefarão tenta convencer Anfítrião de que Sósia não podia estar, ao mesmo tempo, em casa e no porto, onde o fora procurar.

Frr. XV-XVII: Júpiter sai de casa e, frente a frente, os dois Anfítriões acusam-se mutuamente de adultério e ameaçam chegar a vias de facto.

Frr. XVIII-XX: resolvem, pois, recorrer a Blefarão que, confuso, não é capaz de distinguir o verdadeiro do falso Anfítrião.

(²⁵) A Tessália era, para os antigos Gregos, a pátria de bruxas e feiticeiros: vd., p. ex., Pseudoluciano, Λούκιος ἡ ὄνος, 4 sqq.

(²⁶) Segundo a lenda, as duas serpentes tinham sido enviadas pela ciumenta Juno (cf. supra n. 16), desejosa de, com a morte do recém-nascido Hércules, se vingar da infidelidade de Júpiter. Vd. Robert Graves, *The Greek Myths*, Penguin Books, Edinburgh, 1955, II, cap. 118, p. 84 sqq.

(²⁷) Júpiter alude às façanhas de Hércules, que viria a ficar, desde os Gregos até aos nossos dias, como exemplo do super-homem invencível, sempre ao serviço de fracos e oprimidos. Vd. Robert Graves, *op. cit.*, II, cap. 119 sqq., em especial 123-134, pp. 90-158.

ÍNDICE

Introdução	9
ANFITRIÃO	19
Personagens da peça	21
Argumento I	23
Argumento II	23
Prólogo	25
Acto I	29
Acto II	61
Acto III	97
Fragmentos	108
Acto IV (Cena final)	113
Acto V	115
NOTAS	123